

Audiência Pública realizada na cidade de Paranaguá, no dia 02 de junho de 2015, às 19 horas, para discussão do Estudo de Impacto de Vizinhança para implantação do Empreendimento da Unidade Logística de Papel e Celulose da Klabin.

MESTRE DE CERIMÔNIA (Ciro G. Lopes): Senhoras e Senhores, boa noite. Sejam bem-vindos. A Prefeitura de Paranaguá e a Klabin agradecem a presença de todos na Audiência Pública de apresentação do Estudo de Impacto de Vizinhança – EIV, para a implantação da Unidade Logística de Papel e Celulose da Klabin. Em especial ao Prefeito de Paranaguá – Edison de Oliveira Kersten. Agradecemos, ainda, ao Presidente da Câmara Municipal de Paranaguá – Vereador Waldir Leite; Secretária Municipal de Educação Hilda Werner; Secretário de Obras – Juliano Elias; Secretário de Indústria e Comércio Alceu Claro Chaves; Priscila Cavalcanti – Coordenadora da Bacia Litorânea; Rita Abe – Secretária de Planejamento de Paranaguá; Neuza Machado – Secretária de Assistência Social do Município de Paranaguá; Jorge Abe – Secretário Municipal de Regularização Fundiária; Renato Pereci Rodrigues da Silva – Capitão dos Portos do Paraná; Vereadores Antônio Ricardo dos Santos, Márcio Costa.

Antes de passar a palavra para a Secretária Municipal de Urbanismo de Paranaguá – Aline Carla de Lima Dias Costa gostaria de explicar o formato do evento de hoje. Os representantes da Klabin farão uma apresentação sobre a empresa. Na sequência, será explicado o Estudo Técnico de Implantação da Unidade Logística. Ao final, da apresentação, será aberto um espaço para que todos vocês possam tirar suas dúvidas. Anotem suas perguntas, dúvidas, sugestões, e entreguem para nossas recepcionistas.

Agora passo a palavra para a Secretária de Urbanismo do Município de Paranaguá, Aline Carla de Lima Dias Costa que preside a Mesa de Trabalho. Para compor a Mesa, gostaria de chamar o Sr. Francisco Razzolini – Diretor de

Planejamento, Projetos e Tecnologia Industrial da Klabin; Sr. Alysso Schneider – Engenheiro Ambiental e Especialista em Tecnologias Ambientais e responsável técnico pelo Estudo. Precisamos de um representante da Plenária. (Uma senhora se oferece e vem se assentar junto à Mesa de Trabalho)

Com a palavra a Secretária de Urbanismo de Paranaguá.

SRA. SECRETÁRIA ALINE DE LIMA DIAS COSTA: Boa noite, boa noite aos colegas aqui da Mesa, boa noite senhoras e senhores. A Prefeitura de Paranaguá em conjunto com a empresa Klabin, cumprindo o que determina o Estatuto das Cidades, Lei 10.257/2001, e Lei Complementar nº60 de 2007 do Município de Paranaguá, traz à população em geral o Estudo de Impacto de Vizinhança para demonstrar e avaliar esse Estudo e nos auxiliar na aprovação desse grande Projeto.

Declaro aberta esta Audiência Pública dando a sequência ao Ciro.

MESTRE DE CERIMÔNIA (Ciro): Gostaríamos de registrar ainda as presenças da Vereadora Sandra do Dorinho e ainda do Diretor de Meio Ambiente da APPA dos Portos de Paranaguá e Antonina – Sr. Marco Aurélio. Neste momento será exibido um vídeo institucional da Klabin.

(Vídeo Institucional sobre a Klabin)

O SR. FRANCISCO RAZZOLINI (KLABIN): Boa noite. Em nome do Conselho de Administração da Klabin, do nosso Diretor Geral Fabio Schvartsman, de colegas de Diretoria da Klabin aqui presentes – José Soares, Cristiano Teixeira, Dr. Joaquim Miró Neto, e, em meu nome, Francisco Razzolini, gostaria de agradecer a presença de todos. Em especial da Mesa aqui presente e das autoridades já nominadas.

A Klabin é uma empresa brasileira, completamos em abril deste ano 116 anos de existência. Foi fundada como uma distribuição de papel em São Paulo e vem crescendo ao longo desses anos todos. Já estamos no segmento de papéis e cartões; papéis para embalagem, principalmente, caixas de papelão ondulado; sacos industriais e madeiras em toras. Hoje nós possuímos mais ou menos 15 mil funcionários trabalhando na Klabin de forma direta ou indireta.

A Klabin sempre teve a sua história muito ligada à sustentabilidade. A própria família quando veio da Lituânia, são imigrantes que vieram, eram, praticamente, guarda-florestas lá, na região, e sempre tiveram suas atividades muito ligadas a esse negócio. E aqui no Brasil não foi diferente. Nós trabalhamos muito esse conceito da sustentabilidade no tripé social, ambiental e econômico. Ou seja, a atividade tem que ser economicamente rentável, mas, socialmente justa; e, ambientalmente correta. Esse é um trabalho que fazemos que vem perdurando há muitos anos e que foi reconhecido através desse Selo chamado FSC, em que fomos a primeira empresa do hemisfério Sul, do Mundo, em 1998, a obter essa certificação. O que significa que cumprimos todos os requisitos dessa certificação que é a mais difícil de alcançar no Mundo hoje que vive da sustentabilidade, das florestas integradas. Também fomos a primeira empresa do Mundo a certificar atividades não madeireiras. Temos algumas atividades ligadas a produtos que não são as próprias árvores que usamos no nosso processo. Mas que extraímos medicamentos fitoterápicos em um programa que temos lá na região, em Telêmaco Borba, aqui no Paraná.

As nossas florestas hoje são de pinus e de eucaliptos que são as duas matérias-primas que usamos na fabricação dos nossos produtos e são plantadas em forma do que nós chamamos de mosaico florestal. Ou seja, não temos uma grande área simplesmente plantada com grandes extensões de uma única espécie. Mas, talhões que plantamos pinus, na vizinha a gente planta eucalipto entremeado por florestas nativas preservadas. Hoje temos 240 mil hectares de florestas plantadas e mais 211 mil hectares de florestas preservadas. Isso dá uma grande biodiversidade nas nossas operações e temos hoje identificadas mais de 1400 espécies de animais nas nossas áreas florestas. E nominamos nosso último projeto, agora, esse que está em execução, e esse que nos traz hoje, aqui, Puma, justamente porque na nossa região temos diversas espécies de Puma. E o Puma é o topo da cadeia alimentar. Ou seja, para que ele sobreviva a cadeia inteira tem que estar em equilíbrio.

O nosso negócio o vídeo abordou brevemente. Somos bastante integrados da floresta até produtos de papel. Partimos como já mencionei de

florestas de pinus e eucalipto, uma parte das nossas florestas abastecem serrarias e laminadoras nas áreas em que atuamos especificamente aqui no Paraná, na região de Telêmaco Borba, e na região de Lages em Santa Catarina. Outra parte dessa floresta abastece as nossas unidades de produção de celulose e essa celulose é então convertida em papel.

As nossas plantas hoje, temos uma capacidade mais ou menos 1,7 milhões de toneladas de produção de celulose e, com esse novo projeto, a gente instala mais 1 milhão e meio de capacidade, praticamente dobrando a capacidade da empresa. A Klabin também tem reciclagem. Atuamos aí com fabricação de papel reciclado, eles são utilizados na fabricação de caixas de papelão ondulado, principalmente naquela onda que está no meio da caixa. Exportamos para mais de 70 países e o nosso principal produto hoje, principalmente, é papel cartão, bastante conhecido por aquelas caixinha tetra pak, na caixinha de leite o papel é fabricado pela Klabin em Telêmaco Borba e fora o Brasil abastecemos, ainda, a América do Sul, uma parte da China, planta de Singapura e algumas outras plantas desse nosso cliente no mundo todo.

É um papel muito difícil de fabricar, de enorme responsabilidade técnica porque é destinado à alimentação, e nós conseguimos esse efeito com muito trabalho aqui do nosso corpo técnico.

Nossas operações. Nós temos, hoje, 14 unidades aqui no Brasil e uma na Argentina. Somos dispersos aí em oito unidades da Federação. As nossas principais unidades estão concentradas aqui no Paraná, principalmente na região de Telêmaco Borba, onde a Klabin se instalou em 1934 quando adquiriu a Fazenda Monte Alegre num projeto de implantar a primeira fábrica que fabricou, posteriormente, na década de 40, papel jornal aqui no Brasil. Então começamos nossas atividades ligadas a isso aqui no Paraná há 80 anos atrás e estamos presentes até hoje. Fizemos um grande projeto na década e nos anos 2006 a 2008, que foi o projeto de duplicação da unidade de Telêmaco Borba e, agora, no município vizinho, em Ortigueira, estamos implantando uma das maiores unidades industriais do Mundo, seguramente o maior projeto em execução no nosso setor no mundo todo hoje, que tínhamos nominado de Projeto Puma. O Projeto Puma vai usar a mesma área florestal que temos no

Paraná. Isso foi possível por conta de melhorias de produtividade florestal que a gente vem alcançando nos últimos anos. Hoje essa nossa área no Paraná é das mais produtivas do Brasil e se é do Brasil é do Mundo. É uma atividade em que o Brasil se destaca dos demais países em termos de desenvolvimento. Esse é um Projeto que vai fabricar celulose, ele não vai convertê-la em papel como fazemos nas outras unidades, mas essa celulose será voltada para o mercado de exportação.

Esse é um Projeto de 1 e meio milhão de toneladas, em duas linhas de produção. Uma linha de produção de celulose de eucalipto de 1 milhão e 100 mil toneladas. O eucalipto tem uma característica especial que dá uma fibra muito curta e essa fibra quando é usada no papel dá uma característica de bom acabamento na superfície, permite uma boa impressão e quando usado em papel, por exemplo, higiênico, dá uma sensação de maciez muito elevada. Mas por ela ser uma fibra curta não tem muita resistência, então mesclamos com as fibras de pinus, que são fibras longas que nesse projeto que terão 400 mil toneladas. O nosso pensamento sempre foi muito voltado para a sustentabilidade, como nós mencionamos, e o desenho dessas duas unidades vai do desenho da floresta, da capacidade da floresta de abastecer com sustentabilidade por muitos anos essas linhas de produção. Esse projeto também traz uma novidade, traz uma celulose que chamamos *fluff*. *Fluff* é uma celulose utilizada na fabricação de fraldas e absorventes. Essa celulose, hoje, é 100% importada pelo Brasil. Não se fabrica aqui no Brasil esse produto. Vamos passar a partir dessa unidade em Ortigueira a fabricar e a suprir praticamente o mercado interno, mas, também, voltar uma parte desse produto para exportação.

O investimento desse Projeto na unidade industrial é de 5,8 bilhões de reais. Um número bastante grande e se quando somado a todos os valores de impostos gerados nesse Projeto, que são quase 700 milhões, mais os gastos em infraestrutura que são cerca de 800 milhões e mais um percentual de capital de giro que precisamos para as nossas operações. Vamos chegar a um investimento total da Klabin de R\$8 bilhões de reais.

Hoje estamos lá no pico da obra. Temos mais ou menos dez mil pessoas trabalhando no site de Ortigueira e quando a fábrica entrar em operação, já estamos treinando o grupo que vai fazer a operação e a manutenção da fábrica. Vamos gerar mais ou menos 1400 empregos entre a expansão da base florestal, das atividades florestais para suprir essa fábrica e também as operações fabris. E uma grande novidade nesse projeto é que vamos ter um excedente de energia muito forte. Fizemos essa fábrica desenhada para ter uma alta eficiência, um alto aproveitamento da biomassa florestal que nós utilizamos. Vamos conseguir gerar 270 megawatts. Duzentos e setenta megawatts é uma usina hidrelétrica de médio porte. Isso tudo gerado com biomassa processada no próprio processo. Essa fábrica consumirá 120 megawatts e vamos disponibilizar energia para a rede, para venda externa de 150 megawatts. Ou seja, hoje não é uma unidade apenas de produção de celulose, mas também uma usina térmica de médio porte que vem muito bem a calhar no momento que o Brasil está sofrendo com dificuldades de geração de energia.

Esse investimento é o maior da história do Paraná e ele foi localizado em Ortigueira depois de um estudo bastante profundo. Basicamente para termos uma distância da floresta até a fábrica muito curta. E ele será dos projetos dessa capacidade, que é a maior do Mundo hoje, de menor distância de transporte da floresta, da madeira da floresta para a fábrica. E hoje precisamos de quatro vezes a madeira entrando em processo para cada tonelada de celulose que a gente tira. Por isso está localizado lá. E outro pensamento importante ter localizado essa fábrica aqui no Paraná, foi que conseguimos adaptar ao modal ferroviário para transporte desde a unidade de Ortigueira até aqui o Porto de Paranaguá. E daqui do Porto de Paranaguá abastecer diversos países no Mundo. E estamos a uma distância de 441 km aí do Porto de Paranaguá.

Para conectar à ferrovia existente hoje, à ferrovia do Norte do Paraná que vem da área de Apucarana e desce até Ponta Grossa, estamos construindo um ramal ferroviário de 24km em áreas da própria Klabin.

A nossa logística, então, e é para isso que estamos hoje, estamos buscando trazer aqui para Paranaguá, é um armazenamento dessa celulose que será exportada. Como a produção da fábrica é bastante grande, precisamos ter uma área de armazenagem de forma com que a gente consiga suprir a exportação com o abastecimento dos navios que vão levar o nosso produto para outros lugares do Mundo. Vamos transportar por ferrovia entre Ortigueira e essa unidade de logística aqui em Paranaguá e depois fazemos o abastecimento por caminhões até o Porto de Paranaguá, à medida que venham os embarques nos navios. Devemos ter uma operação aí de seis a oito embarques por mês.

O que é a celulose, falando um pouco desse produto. O que estamos trazendo aqui para Paranaguá não é uma fábrica, não é uma transformação, não é uma unidade com potencial de poluição elevado. Mas é uma fábrica que vai ter a armazenagem de celulose e toda operação logística de baldeio entre a operação ferroviária e a operação de embarque dos navios. A celulose não tem cheiro. Ela é um produto bastante asséptico e grande parte do destino dela é para alimentos ou para produtos de higiene. Ela não atrai bichos. Ela não gera sujeira ou poeira durante o transporte. Ela vem em grandes fardos como se fossem grandes quadrados, o que facilita muito o transporte e a velocidade de armazenagem. Ela não é perigosa, seu armazenamento tem que ser feito em local limpo e coberto, ela não pode ter contaminantes. Não pode adquirir contaminantes no seu manuseio, por isso tem que passar também por um rigoroso controle de pombos, ratos e demais pragas. Ou seja, ela não é uma operação que oferece risco à população e assim tem sido onde trabalhamos com esse tipo de produto hoje nas nossas unidades.

As nossas soluções hoje, então, vão para diversas aplicações na indústria e para onde e para o quê é usada a celulose. Tem a celulose de pinus e a celulose de eucalipto, essa que é comercializada em fardos, ela vai principalmente se a gente olha no topo, para o mercado de produtos descartáveis, como chamamos, que são os guardanapos, os lenços descartáveis e o papel higiênico. Esse é um grande mercado, o mercado que mais cresce hoje no mundo e onde a celulose brasileira tem encontrado uma grande aplicação. Tem a aplicação tradicional de livros, jornais, revistas que

chamamos de impressão, imprimir e escrever. Ela tem a aplicação em produtos para embalagens, como o papel cartão que é utilizado em embalagens frigorificadas, aí com caixas de pizza, sabão em pó. Temos, também, a utilização para a Tetra Pak e algumas aplicações especiais aí como filtros de ar e filtros de café. E o produto um pouquinho diferente que é o *fluff*, esse vem em bobinas e é utilizado na fabricação de fraldas e absorventes. É usado exatamente nisso: fraldas, absorventes higiênicos, para a terceira idade e para crianças que é uma novidade, que é uma inovação na indústria brasileira.

Era isso que eu tinha para apresentar.

Muito obrigado.

MESTRE DE CERIMÔNIA (Ciro): Muito obrigado Francisco. Passo a palavra para o Alysson Schneider – Engenheiro Ambiental e Especialista em Tecnologias Ambientais e responsável técnico pelo Estudo de Impacto de Vizinhança.

Eng. ALYSSON SCHNEIDER: Boa noite a todos. Sou Alysson Schneider, sou Eng. Ambiental Especialista em Tecnologias Ambientais. Represento a Schneider Engenharia de Estudos Ambientais, empresa contratada pela Klabin para a elaboração desse Estudo de Impacto de Vizinhança.

A Schneider tem uma experiência aí no mercado parnanguara já faz três anos com outros estudos já realizados. Esse trabalho foi feito em parceria com a Secretaria de Urbanismo, respeitando sempre a legislação municipal e buscando sempre esses três eixos que é o eixo do desenvolvimento sustentável, base social, econômica e ambiental.

A apresentação foi dividida de acordo com a legislação local em quatro partes: a caracterização do empreendimento; vantagens e desvantagens da implantação e operação; as consequências da implantação e medidas mitigadoras. Nas consequências de implantação já vamos citar algumas medidas mitigadoras e o que restar vamos passar na última parte, que é medidas mitigadoras adicionais.

Caracterização: primeiro levar em conta a questão social, econômica e ambiental que é uma das linhas de raciocínio da Klabin, buscando sempre esse conjunto de ações que é o que está de acordo diretamente com o objetivo do Estudo de Impacto de Vizinhança e o planejamento municipal para o crescimento ordenado.

O empreendimento está situado no setor especial do pátio ferroviário, criado em 2007, a partir do Plano Diretor aprovado. Nesse local estão várias empresas como a Fertipar, a Seara, a Iara, o próprio pátio da ALL e outro fator importante para a localização é a questão do acesso viário que faz toda a escoação de produção, principalmente do Sul do Brasil, a BR-277, principal acesso ao Porto de Paranaguá. O importante também é a questão do acesso ferroviário onde vai chegar todo material que vai ser armazenado na unidade. Levando em consideração também a localização da Vila do Povo, da Vila Primavera e Vila Emboguaçu, que são os bairros diretamente ligados a esse empreendimento.

Área do total do terreno é de 47 mil metros quadrados, a área é própria da Klabin. Não haverá necessidade de expansão dessa planta. A área total do armazém para o armazenamento é de 22 mil metros quadrados. Área permeável em torno de 19 mil metros quadrados. Como já disse, o local fica no setor especial do pátio ferroviário que está inserido dentro da Zona de Consolidação e Qualificação Urbana I. A Klabin em seus projetos está sempre visando atender as características, as exigências de cada zoneamento. Especificamente esses dois que estão incluídos no Plano Diretor. Um dos exemplos é a área permeável. São 40% da área para aquela situação é o exigido, o mínimo né.

Horário de funcionamento: vai ser de 24 horas por dia, sete dias por semana. A capacidade estática é de 65 mil toneladas; a capacidade de movimentação mensal 120 mil toneladas; e o armazenamento, o material armazenado é fardo de celulose. Como já foi dito é uma carga seca, limpa, inerte, que não tem perigo de impactos ambientais significativos. A forma de logística da fábrica até Paranaguá foi encontrada então a questão da linha férrea, o modal ferroviário. Então toda logística da fábrica até Paranaguá vai

ser por intermédio da linha ferroviária. Foram investidos 306 vagões e sete locomotivas para fazer esse transporte.

A partir da unidade de acordo com a necessidade e a demanda esse material será encaminhado até o Porto por meio da BR-277, a Ayrton Senna. Mais conhecida. Esse trecho tem cinco quilômetros e a característica principal é que não será necessário pegar nenhuma via paralela, nenhuma via urbanizada. Já é uma via que já está preparada para esse tipo de fluxo.

Vantagens e desvantagens.

A unidade Klabin vai operar com 30 caminhões, em torno de 30 caminhões. Essa operação se dá numa média de sete a oito dias por mês. De sete a oito dias por mês serão 30 caminhões operando, levando esse material da unidade até o Porto. Lembrando que não haverá a circulação nem estacionamento em ruas internas de bairros circunvizinhos ou próximos. Como vai ocorrer a questão do acesso por linha férrea: a locomotiva vai trazer o material da fábrica, vai chegar no pátio da ALL. Esse pátio da ALL já está preparado para receber essa composição. Essa composição vai ser instalada, vai ser estacionada aqui e vai aguardar o *start* para encaminhar para dentro da unidade. Serão separadas em oito vagões por vez e a locomotiva volta sentido Curitiba, com os vagões vazios, com sentido à fábrica. A partir daí vão ser utilizados tratores. Esses tratores vão puxar oito vagões, por vez, e vai encaminhar para a unidade, para a linha que é dentro da unidade a ser instalada.

Haverá emissão de ruído pela movimentação interna realizada pelas empilhadeiras. A operação externa, a manobra de vagões, realizada por meio de trator. Vale lembrar que não vai ter o apito do trem, todos aqueles sinais para evitar acidentes, tudo mais. Vai ter, claro, uma pessoa responsável cuidando dessa movimentação. Mas vai ter todo um controle para esse trator puxar esses oito vagões. E também os ruídos vão ocorrer na operação da carga e descarga dos caminhões que, por sinal, ficam do lado oposto à comunidade, à região que é o bairro Emboguaçu.

A emissão de material particulado e poeira que é a emissão atmosférica, ela é advinda da movimentação interna com o uso de empilhadeiras, que é a emissão de CO2 pelo GLP, que já é baixa por ser GLP. E na operação externa o uso de caminhões e tratores. Ainda com as vantagens e desvantagens, uma vantagem muito grande é a geração de empregos. Serão 200 empregos no momento da operação, no momento de pico da instalação do empreendimento na obra. E a operação vai contar em torno de 100 profissionais. O objetivo é que esses profissionais sejam capacitados e que sejam prioritariamente da região Vila Emboguaçu, Vila Primavera e Vila do Povo. Provavelmente serão operadores de empilhadeiras, conferentes, a parte administrativa. Tudo gira em torno dessas três regiões aí é o objetivo da Klabin é esse mesmo, colocar profissionais dessas regiões aqui trabalhando no local e o fortalecimento da economia local. Geração de renda; geração de empregos indiretos; e arrecadação de impostos municipais. A comunidade vai acabar criando estabelecimentos, restaurantes, pequenos comércios, isso fortalece a região.

Outro ponto é a questão da mudança de sentido da drenagem do terreno. Hoje o sentido da água que corre, superficialmente, vai para esse trecho aqui (Mostra no telão!) que é uma vala, que fica paralela com a BR-277. Toda essa água, então, é encaminhada para esse ponto aqui e acaba caindo nesse ponto aqui que é no comecinho da Rua Ford. O objetivo é mudar esse sentido para esse lado do empreendimento para facilitar o escoamento.

Outro ponto positivo é a questão da ausência do uso de estacas, que é aquele impacto, aquele barulho que ocorre quando se faz uma fundação. Não vai ser necessário. A Klabin optou por fazer um barracão simples, pelo fato até que é apenas um armazém e não tem outro tipo de movimentação. Então não tem necessidade de um projeto mais complexo. Isso elimina vários problemas como vibração, barulho, incômodo com a vizinhança e possíveis problemas com rachaduras nas casas vizinhas.

Consequências da Implantação.

Alguns impactos da implantação são: a preparação do terreno para implantação da base do empreendimento; obras de construção ou estrutura;

impactos ambientais e impactos sociais. São aspectos... aqui são usos e impactos. (Mostra no telão!)

A primeira medida foi a construção de um muro. A construção desse muro é bem importante, vai evitar, esse muro vai ser na lateral onde faz a divisa com o Bairro Emboguaçu. Esse muro é importante que vai evitar que passe qualquer tipo de poeira e qualquer tipo de ruído para o bairro, causando algum tipo de incômodo para a população. A aplicação de tapumes no momento da implantação também é importante para separar a obra da circulação de pessoas. Isso evita acesso de pessoas talvez mal intencionadas e protege a obra. A presença de vigilância patrimonial, isso na verdade é bem importante porque, aquela região em determinada hora da noite, ela é bem vazia. Acho que isso causa um conforto a mais para a população que tem presença de pessoas que estarão ali para cuidar, de zelar por toda a região.

Uma das importantes mitigações aqui na fase de implantação é a umidificação da área para evitar poeira, geração de poeira. Sabemos que Paranaguá tem épocas de baixa pluviometria, épocas sem chuva, realmente o tempo fica seco e é muito fácil a geração de poeira. Então vai ter um trabalho de umidificação da área para evitar esse tipo de impacto.

Manutenção preventiva das máquinas e dos equipamentos. Então a Klabin vai exigir que seja feita a manutenção dos caminhões, dos tratores da obra. A gente sabe que isso facilita e melhora muito a operação do empreendimento pelo fato de que a geração de ruído com uma máquina bem regulada diminui bastante e também a questão de você fazer a queima total do combustível dentro do motor de um trator, por exemplo. Essa queima total evita você estar jogando, emitindo gases poluentes na atmosfera e para nós faz mal à saúde. E também a conscientização dos funcionários para com o convívio, buscando sempre o convívio respeitoso com a comunidade local, principalmente as instituições vizinhas. Na lateral o existe colégio, o albergue, tem que ter essa convivência harmoniosa.

Monitorar a obra nos horários para evitar ruídos que ultrapassem os limites de horários. Quando a pessoa chega em casa, depois das 18 horas, então depois das 18 horas a gente para com a operação da instalação para

evitar incômodos à população. Evitar o uso de áreas perto, que limitam a área do empreendimento com a área do Emboguaçu. Isso evita, também, porque a gente procura fazer os trabalhos com os maquinários e tudo o mais do outro lado, para que seja evitada essa questão do transtorno com ruído e, até mesmo, poluição atmosférica.

Implantação do projeto. Manter o ambiente limpo e organizado isso é um dos pontos importantes. A geração, conhecer o tipo de geração de resíduo que vai ocorrer no empreendimento. Essa geração tem que ser conhecida, tem que ser controlada, tem que ser gerenciada. Isso elimina vários fatores, vários problemas, como a geração de insetos, a proliferação de insetos, proliferação de ratos, de roedores e também a gente entra num trabalho social, aí, que é a destinação desses resíduos para as cooperativas locais. Sabemos que Paranaguá tem duas cooperativas principais que é a Vila Santa Maria e a Cooperativa Nova Esperança que fica na Ilha dos Valadares. Esse material tanto na instalação quanto na operação, esse material que for passível de reciclagem ou de reutilização vai se encaminhado para eles.

Implantação de educação ambiental. Sabemos que os trabalhadores precisam entender a importância de estar tendo esse gerenciamento correto e focando todas as áreas ambientais para otimizar o trabalho dentro da empresa.

Realização de palestras e treinamento com os trabalhadores para focar numa questão muito importante, em Paranaguá, que é a questão de assédio sexual, abuso e exploração sexual infantil. Sabemos que Paranaguá tem locais que estão sofrendo com isso. Não queremos que aconteça isso no momento da instalação do empreendimento.

Os impactos na operação ferroviária.

O aumento da interferência da passagem de nível e de pedestres localizados na Rua Ford. A Rua Ford divide o Bairro Emboguaçu com a Vila Primavera. Essas interferências ocorrerão em espaços conhecidos, fizemos um estudo para ver como que seriam essas interferências que quanto tempo levaria. No momento da operação na linha férrea, essa operação vai ocorrer a cada dois dias. Nesses dois dias 14 horas serão de operação e 28

horas não terá operação. Então 14 horas vão operar. Dentro dessas 14 horas a intervenção nessa passagem de nível onde tem pedestres e carros, ela vai ocorrer entre dois e seis minutos, no máximo. Esse número é conhecido, procuramos otimizar para diminuir o tempo de espera da passagem. E haverá, também, a construção da linha de manobra paralela à linha da ALL já existente. Essa linha já está aprovada pela ALL. É uma área de concessão da ALL.

Avaliar em conjunto com a ALL e prefeitura a viabilidade da instalação de uma passarela. Nessa questão desses dois ou seis minutos, não muito por ela, mas mais pela segurança das pessoas que estão passando de um bairro para o outro. Sabemos que tem a escola ali do lado, 70% dos alunos da escola são moradores da Vila Primavera. Eles atravessam hoje, já, a linha férrea. Entendemos essa problemática e a Klabin quer, em parceria com a prefeitura – se for o caso -, com todas as aprovações necessárias, estudar a possibilidade de colocar uma passarela ali para evitar esse tipo de problema, mitigar esse problema.

A implantação de placas e sinalizador. Isso é certo. E manter um funcionário nesse acesso rodoviário orientando a passagem dos pedestres e a passagem dos motoristas. Então sempre que tiver dentro desses dois a seis minutos ali, sempre que tiver a passagem de linha com o trator, vai ter um funcionário ali que vai estar acompanhando isso para evitar qualquer tipo de problema.

A unidade Klabin vai estar operando, já comentei, vai estar operando com 30 caminhões. Esses caminhões ou cerca de 30 caminhões, a operação desses caminhões vai estar concentrada de sete a oito dias por mês. Esses 30 caminhões vão estar operando simultaneamente. Eles vão estar distribuídos da seguinte forma: são 12 docas aqui para carregamento e descarregamento; 12 vagas de caminhões que estarão sendo carregados simultaneamente. Terão caminhões no caminho que vai até o Porto. Caminhões no Porto e no caminho de volta para a unidade. Esses caminhões estarão sempre ou no caminho entre a unidade até o Porto ou carregando, ou no Porto descarregando.

Fase de operação. Tem outras medidas que é o controle de chegada e de saída dos caminhões. Mesmo tendo esse conhecimento de que os caminhões vão estar operando e não vai haver problemas de vias congestionadas ou caminhões estacionados em vias públicas de forma irregular, para nos certificarmos que não irá ocorrer isso mesmo, ainda assim iremos manter o controle de chegada e saída dos caminhões. Evitando os congestionamentos. Manter um funcionário na portaria, na entrada e na saída, orientando os motoristas. E as sinalizações que são necessárias até para evitar acidentes.

A fase de operação vai ter emissão atmosférica baixa, mas vai ter. E o nível de ruído também temos que mencionar, apesar de não ser significativo, temos que mencionar. A construção do muro é uma medida mitigadora, junto com a divisa do Bairro Emboguaçu; a manutenção preventiva das máquinas é importante para evitar geração de material particulado e material de emissões atmosféricas poluidoras como CO₂; e a implantação de uma cortina verde. Cortina verde ela trabalha muito bem com a separação evitando a passagem de poeira e ruído também. Além de dar um aspecto mais bonito, mais claro, com a vegetação fica uma coisa natural.

Esse ponto é um ponto importante. A Klabin buscou trabalhar com a questão da drenagem no terreno. Hoje a drenagem é sentido BR-277. Vamos mudar o sentido dessa drenagem. O que acontece: toda água que cai hoje, aqui, nessa área, ela cai nessa valeta (Mostra no telão!), essa valeta encaminha toda essa vazão para esse ponto aqui onde ocorre, frequentemente, alagamentos. Vamos mitigar esse problema, vamos transferir essa vazão para esse ponto aqui. Esse ponto tem uma rede, vamos mudar para a rede da Rua Lara, essa rede tem capacidade para receber essa demanda de água. A própria prefeitura já deu o aval para que aconteça isso. Isso é a parte mais importante que vamos estar mitigando, essa questão dos alagamentos nesse ponto.

A geração de empregos, como já disse, 200 empregos no momento do pico da instalação da obra. A operação vai gerar em torno de 100 profissionais, lembrando que esses 100 serão, prioritariamente, do Emboguaçu, Vila

Primavera e Vila do Povo. Serão oferecidos também cursos de capacitação para quem não for capacitado e, possa ser, para operar e estar exercendo esse cargo.

A arrecadação municipal é um impacto positivo para a implantação do empreendimento, é a geração de impostos – ISS, IPTU, entre outros; serviços de vigilância; transportes do terminal ao Porto; ISS por operação portuária.

Em cima de tudo que passei, todos os impactos que foram levantados, a Schneider Engenharia chegou à conclusão de que o empreendimento ele não causa prejuízos à circunvizinhança, aos moradores do entorno. Porém, a Klabin, com essa visão social que sempre teve em outras regiões onde ela atua, ela se propôs a intervir em algumas situações que ocorrem ali na lateral onde é a provável instalação do empreendimento. Ali estão situados a Escola Berta Rodrigues Elias, o Lar das Meninas e um albergue que hoje está fechado. A ideia da Klabin – se a prefeitura aceitar, se tiver uma parceria – a Klabin se dispôs a reformar a escola, reformar o prédio Lar das Meninas. O prédio do albergue, como é conhecimento da Klabin antes da elaboração do projeto, questionamentos com a população circunvizinha, com o Poder Público, chegou à conclusão que existe, ali, a necessidade de uma creche. Então a Klabin ela se propôs à instalação de uma creche onde é o albergue e também a construção de uma quadra poliesportiva no local conhecido como campinho. Hoje é uma área que está sem utilização e a Klabin se propõe a implantar essa quadra poliesportiva.

Outra consequência, vai mudar a cara daquela região. Se todas essas situações forem realmente aceitas, vai ter um empreendimento que hoje é uma área vaga, uma área que tem acesso de pessoas às vezes mal intencionadas, geração também de roedores, ratos, insetos, etc. Essa área vai ser ocupada. Aqui seria a quadra poliesportiva (Mostra telão!) e essa área seria toda revitalizada. Essa área toda seria uma região que hoje está desocupada, ela seria ocupada e seria mais frequentada. Isso traria principalmente segurança para todos os moradores aqui e benefícios, principalmente benefícios positivos para a região.

Outras medidas mitigadoras é a questão do tráfego ferroviário e rodoviário; ruído dos motores; emissão de poeira; geração de resíduos e geração de efluentes. A geração de resíduos como está no Plano de Gerenciamento de Resíduos, vai ter que ser feito, esse projeto já foi realizado, já foi levantado todas as características do empreendimento. Então você tem uma prévia do que vai ser a geração de resíduos, você tem que conhecer toda essa geração, segregar e ter uma destinação correta, principalmente encaminhando material para as cooperativas locais. E a questão do efluente doméstico para a rede coletora de esgotos da CAB, Águas de Paranaguá, conforme já tem uma declaração da CAB dizendo que é possível essa captação, coleta e tratamento desse esgoto.

Tanto na implantação quanto na operação foram elaborados planos e programas para monitorar, e para que tudo que eu disse aqui ocorra, de fato. Então, o Plano de Gerenciamento de Resíduos, desde a geração até a destinação final dos resíduos sempre de uma forma correta e, se possível, encaminhando para as cooperativas. O Programa de Monitoramento de Ruídos desde a implantação até a operação; da mesma forma a poluição atmosférica, o monitoramento da poluição atmosférica. Então tem um equipamento chamado Hi-Vol, ele vai fazer uma medição e ver se a geração de poeira está baixa realmente. Então tem o monitoramento e se tiver fora tem que ser feito outro estudo, alguma coisa para que isso seja mitigado. Programa de Educação Ambiental para todos os trabalhadores; Plano de Acesso Ferroviário. Sempre pensando na melhoria do acesso ferroviário evitando assim os impactos. O Programa de Educação Ambiental para os trabalhadores – prevenção de riscos ambientais; Programa de Condições de Meio Ambiente de Trabalho na indústria da construção e Programas de Manutenção de Veículos.

Todos esses Programas serão feitos desde a instalação até a operação do empreendimento.

Identificando todos os aspectos e os impactos e as responsabilidades e as respectivas medidas, o Estudo de Impacto de Vizinhança está contribuindo para a organização municipal. Estabelece diretrizes para o empreendimento para que possa obter relação harmônica com a vizinhança. Esse é o grande

objetivo. O Estudo de Impacto de Vizinhança para o novo empreendimento em estudo identifica os impactos gerados. Então os impactos negativos serão mitigados de forma integral, todos os impactos são passíveis de mitigação. Os impactos positivos são a sua maioria. Geração de renda e outros impactos que acontecem com a implantação desse empreendimento. E, em razão disso, a Schneider Engenharia chega à conclusão que o empreendimento está apto do ponto de vista econômico, social e ambiental para se instalar no local.

É isso aí, obrigado! (Palmas)

MESTRE DE CERIMÔNIA (Ciro): Muito obrigado Alysson. Gostaríamos de registrar, ainda, a presença dos vereadores Arnaldo Maranhão, Adalberto Araújo, Adriano Ramos e ainda do Secretário Municipal do Trabalho e Emprego Élcio Nagel. Vamos para o nosso intervalo de 20 minutos. Peço a atenção de todos para que assinem a lista de presença. Quem não assinou, por favor, procurem as recepcionistas. Nossas recepcionistas também estarão passando pelas fileiras ao longo do Teatro para que vocês possam fazer a assinatura. É muito importante! Registramos a presença do Procurador Geral do Município de Paranaguá, o Advogado Maurício Vitor Leoni de Souza.

(Intervalo para um café e momento das inscrições para as perguntas da população.)

MESTRE DE CERIMÔNIA (Ciro): Vamos retomar nossos trabalhos. Enquanto isso quero registrar as presenças de Leonardo Mamede – Presidente da Associação de Moradores da Vila do Povo, Mari Falcão – Diretora do Centro de Ciência Humanas da Unespar e, também, Conselheira Municipal. Registramos ainda a presença de Nei Parizotto – Presidente da Associação de Moradores da Vila Primavera; registramos também a presença da Vereadora Larissa Castilho; a presença de Paulinho Pastel – Presidente da União Municipal das Associações de Moradores de Paranaguá; a presença da Sra. Esmeralda Quadros – Movimento Ecológico Litoral.

Neste momento vamos retomar os trabalhos. A partir de agora daremos início às perguntas formuladas e suas respostas. Para compor a Mesa Técnica gostaria de convidar a Secretária de Urbanismo do Município de Paranaguá

Aline Carla de Lima Dias Costa; o Engenheiro Ambiental e Especialista em Tecnologias Ambientais – Alysson Schneider; chamamos o Diretor de Planejamento, Projetos e Tecnologia Industrial Francisco Razzolini; convidamos o Gerente de Logística Internacional da Klabin Roberto de Camargo Bisogni; o Gerente de Comunicação e Sustentabilidade do Projeto Puma – Uilson Paiva; o Gerente Corporativo de Meio Ambiente da Klabin – Júlio Nogueira; o Coordenador de Construções Civas do Projeto Puma – Carlos Augusto Modena Moreira.

O primeiro a fazer perguntas é o Vereador Waldir Leite.

Vereador Waldir Leite: Boa noite a todos. Boa noite à Mesa já nominada, a todas as autoridades aqui nominadas. Cumprimentando o Prefeito Edison Kersten cumprimento a todos. E um boa noite muito especial a todas as pessoas da região do Emboguaçu, da Primavera, da Vila do Povo, do Morro do Cocada que se dispuseram a participar desta reunião para poder ver o que, realmente, está sendo planejado para esse novo empreendimento que, de uma maneira, direta ou indireta, positiva ou negativa, acaba nos afetando de uma maneira bastante forte.

Para começar as minhas perguntas, gostaria de saber duas coisas: algum Engenheiro de Trânsito participou desse Estudo?

ENGENHEIRO ALYSSON SCHNEIDER: Waldir, na verdade Engenheiro de Trânsito não. Quem participou foi um Engenheiro Civil que tem Especialização em Tráfego. Ele é um professor da Federal.

Vereador Waldir Leite: Obrigado. Nessa explanação do pessoal da Klabin o qual tive oportunidade de, juntamente com o Prefeito Edison, e com o próprio Roberto que faz parte da Mesa, discutimos vários pontos desse empreendimento. O qual, diga-se de passagem, escutando as pessoas com as quais temos um convívio diário, todos têm uma impressão muito positiva, todos querem que venham novos empreendimentos, todos querem que venha desenvolvimento, ofertas de emprego e ficaremos muito gratos à Klabin por mais esse empreendimento para nossa cidade e que também gerará receita para o nosso município. Mas, temos que ter a responsabilidade de apontar

alguns eventuais problemas que possam surgir. Quando vi na apresentação a questão da drenagem, eu vi falando aqui da inversão de caída. Tem um nível e vocês acabam invertendo. E aponta que existe um documento da Secretaria de Obras dando a possibilidade, oferecendo a possibilidade de que essa drenagem que é de uma área de, aproximadamente, uma área impermeabilizada, de 35 mil metros quadrados, vai ser jogado, vai ser despejado na Rua Iara. Fiquei em dúvida porque não existe, naquela região ali, nenhuma travessia que passa por baixo do trilho que chegue à Rua Iara. Queria que você explicasse isso. Porque tem que ser feito uma rede nova, até porque a rede da Rua Iara também já não comporta, uma vez que, atualmente, já existe inundação. Lógico que uma rede nova vai resolver o problema do empreendimento, bem como, também, vai ajudar a minimizar ali a descarga que tem nas redes existentes no Emboguaçu. Onde, atualmente, quando existe grande quantidade de chuvas, acaba que já ocorre problemas. Então gostaria de saber como realmente vai ser feito, qual é a proposta para a solução desse problema?

Roberto Bisogni (Klabin): Leite obrigado pela pergunta. Realmente discutimos muito com o Secretário Juliano Elias a respeito da solução da drenagem. E a solução indicado para trabalharmos é justamente de construir aí uma nova linha que se conecte à rede existente lá na frente, na Rua Iara, depois do trilho. Ali é uma rede mais nova, com diâmetro maior de tubulação, que teria capacidade para absorver esse volume diferente das redes existentes ali. Tanto a antiga rede, da Rede Ferroviária, ou a própria rede ali da Rua Ford.

Vereador Waldir Leite: Agradeço a resposta, mas acho que está havendo algum equívoco. Porque conversando com o Eng. Juliano Elias, ele me fala que a solução que ele ofereceu foi realmente na travessia, logo, com uma rede nova, que vá até o rio onde já tem a anuência do Instituto das Águas. As redes existentes, as de hoje já estão bastante obsoletas, já estão bastante carregadas e não acredito que ela venha suportar essa pressão. Mas, não vejo como nenhum empecilho muito grande, até porque é um trecho muito pequeno que estamos falando. Nada que não possa ser sanado. Mas é uma questão que tem de ficar registrada, até porque hoje em dia já acontecem diversos problemas de inundações naquela região e mais isso seria um agravante a

mais. Tenho certeza que com a responsabilidade social que a Klabin tem nas cidades, nas comunidades onde ela se instala, tenho certeza que esse problema não vai ser nada que dificulte a instalação do empreendimento. Certo!

Com relação quando perguntei do Engenheiro de Tráfego, de Trânsito, fiz aqui uma conta rápida: 900 mil toneladas anuais, inicialmente, podendo chegar a um milhão e meio de toneladas. E, nesse primeiro momento, o próprio Estudo fala, que, num primeiro momento – na parte do estudo do Relatório, fala que poderá num futuro que não se sabe quando, haver até mesmo movimentação de container. Mas, mesmo assim, com essa conta de 900 mil toneladas que imagino que seja só de celulose, sem papel, teríamos duas para atingir as 75 mil toneladas que pretende movimentar inicialmente, duas mil viagens. Duas mil cargas por mês, independente do número de caminhões. Esse é um volume bastante significativo para aquela marginal ali. E, na questão dos vagões, quando perguntei para o próprio Roberto, quanto que carregava um vagão e ele falou que são 64 toneladas, também fiz uma conta rápida e chegamos a um total para movimentar essa quantidade, de 1200 vagões. Então, esses vagões no Estudo, quando foi apresentado o Estudo, não foi falado que eles irão atravessar a Rua Ford para depois voltar, de oito em oito. Levando em consideração que só temos aquela passagem de nível da Rua Ford, num raio de, aproximadamente, 3 km, e aquela passagem de nível atende tanto as crianças, os estudantes que estudam no Colégio Estadual São Francisco, como, vice-versa, as crianças da outra região que usam o Colégio Berta, bem como todos os trabalhadores que moram na Vila do Povo, na Primavera, no Emboguaçu, que usam aquela travessia uma vez que a próxima só vai ser, vamos encontrar lá na Rock Bernalha. Então esse problema do trem, esse problema desse número de vagões, aí, certamente vai impactar na mobilidade das pessoas.

No próprio Estudo já se falava, quando da apresentação do Estudo já haveria uma proposta consolidada para mitigar, para atenuar ou que resolvesse essa questão da mobilidade. Gostaria de saber, nesse momento, se já existe essa proposta, uma vez até que existia conversações com a ALL nesse sentido, de forma a apresentar uma solução para esse problema, que é

um problema antigo. Não é um problema que a Klabin irá criar. Mas, com mais essa carga, esse problema irá, sim, se potencializar. Gostaria de saber se já existe alguma ideia na questão de uma solução para esse problema?

GERENTE ROBERTO BISOGNI (Klabin): Primeiro a respeito do número de caminhões, sua conta está correta. Vamos ter um número grande de viagens ao Porto da operação. A natureza da operação da forma como é feita utilizando carrossel de caminhões, faz com que nós, em nenhum momento, viremos a entupir a cidade de caminhões. Nós, através de simulações, nós colocamos dois caminhões próprios aqui em Paranaguá que rodaram durante sete dias, durante 24 horas, coletando dados para poder fazer uma simulação. Fizemos algumas comparações, com operações semelhantes a essa, principalmente o que ocorre em Santos, com um concorrente nosso que, também, opera fora do Porto. E tudo isso sempre trouxe esse número muito próximo de 30 caminhões fazendo essa operação. O número de viagens é o mesmo. Mas é importante mencionar que em nenhum momento vamos entupir a cidade de caminhões, vamos ter sempre esses 30 caminhões fazendo durante sete ou oito dias ao longo do mês, essa viagem até o Porto: carregar no terminal, transportar até o Porto, voltar para o terminal e fazer esse ciclo novamente. Consideramos aí uma média, um intervalo de saída de caminhão ali do armazém entre cinco e dez minutos. Um caminhão a cada cinco ou dez minutos.

Vereador Waldir Leite: Só complementando. Essas duas mil viagens se tornam quatro mil. Porque duas mil para ir, e duas mil para voltar!

GERENTE ROBERTO BISOGNI (Klabin): É o retorno do caminhão, por caminhos diferentes. Um pela BR mas, num sentido, primeiro o Porto, depois no outro sentido Curitiba. Em relação à operação ferroviária temos aí, os seus números estão corretos também, compramos 306 vagões que vão cada um transportar 64 toneladas. As composições que vão chegar a Paranaguá, que vão ser encostadas pela ALL, no quilômetro cinco, possuem 71 vagões. E a operação, como o Alysson detalhou na apresentação, desde o quilômetro cinco até o terminal vai ser feito – querendo minimizar as interrupções ali nas passagens de nível, tanto de nível quanto a de pedestres, será feita por uma

quantidade menor de vagões justamente para ter uma interrupção mais curta que pode variar entre dois e seis minutos, dependendo do caso ali. Entendemos que a localização desse empreendimento é o local onde gera o menor impacto para as comunidades. Poderíamos ter como solução algum local diferente desse, onde a questão de travessia de passagem de nível poderia ser ainda pior. Uma preocupação nossa foi estar o mais próximo possível das operações ferroviárias, justamente para minimizar esse tipo de impacto. Em relação à passagem de nível, nós, desde o início do Projeto, desde o início para adquirirmos esse terreno, começamos a desenhar e discutir com a ALL a questão operacional. Foi quando tomamos ciência que iria ter, ali, uma passagem de nível, onde já é uma passagem de nível. A gente traria um volume um pouco maior ali com os nossos vagões. Abordamos com a ALL o que poderíamos dar de solução. Não queríamos contribuir com esse aumento. Como você disse sabemos que é uma demanda atual independente do volume da Klabin, vamos estar trazendo só mais volume para cá. A ALL já está desenvolvendo um projeto para substituir aquela passagem de nível. Não sei dizer o status atual. Mas está inclusive em desenvolvimento para que seja enviado à ANTT pra que seja aprovado e daí fazermos a substituição. É uma demanda existente que está sendo trabalhado, porque tanto a ALL, quanto a Klabin, temos ciência de que é necessário fazermos alguma coisa para minimizar o impacto na passagem de nível.

Vereador Waldir Leite: Não entendemos qual seria a proposta para minimizar o impacto?

GERENTE ROBERTO BISOGNI (KLABIN): A proposta da forma de travessia que estamos falando, entendemos que minimize o impacto. Ou seja, poderíamos fazer travessias que durariam um período maior. Mas preferimos fazer travessias menores, impactando a passagem por um período menor cada uma dessas passagens. Isso faz com que as pessoas que tiverem de esperar para atravessar não fiquem esperando muito tempo. Ou seja, eles conseguem, esperam o tempo que for a operação, já libera e depois de algum tempo vai ter uma nova intervenção. No nosso ponto de vista esse impacto é menor do que se interrompêssemos a passagem de nível todas as vezes, por exemplo, no

limite que a ANTT permite, se não me engano, é cerca de dez minutos por passagem.

Vereador Waldir Leite: Mas até por uma questão de segurança, não tem nenhuma ideia, não foi apresentado no Estudo alguma coisa de passarela, de trincheira, alguma coisa parecida que minimizasse os problemas principalmente na questão da segurança – para não falar do tempo que as pessoas vão ficar esperando?

GERENTE ROBERTO BISOGNI (KLABIN): A questão da trincheira ou até de um viaduto, foram dois pontos que a ALL levantou de alternativas para resolvermos a questão da passagem de nível, está sendo considerada. Então dependendo até do tipo de aprovação da ANTT vamos poder utilizar uma solução ou outra. E a passarela é uma questão que já discutimos internamente. Entendemos, a Klabin, em parceria com a ALL também entende, se necessário ter essa passarela ali. Não é uma questão, não há uma preocupação de orçamento em relação a isso. É uma questão mais técnica e de viabilidade. E se houver viabilidade de ser instalada uma passarela ali vamos fazer.

Vereador Waldir Leite: Isso aí antes de começar as operações daqui alguns meses?

GERENTE ROBERTO BISOGNI (KLABIN): A passarela? Sim!

Vereador Waldir Leite: Tá! Mesmo que passe uma passarela que vai minimizar a questão de pedestres, ciclistas, talvez, ainda acarretar, como fala, já existe o problema que muitas vezes a gente fica esperando 20 minutos uma manobra. Até porque a ALL acaba usando a passagem de nível para fazer suas manobras, porque acaba juntando com seu pátio. A gente entende que todas as pessoas ali daquela região da Primavera, Emboguaçu e as pessoas de lá, também, da Vila Paranaguá, do Morro do Cocada, que vêm da própria Roque vernalha, elas acabarão sendo afetadas também. E com essa interrupção ali maior, a gente imagina que haverá um fluxo maior de veículos ali na José da Costa Leite. Não sei se você tem conhecimento que é a via principal que passa ali pela Vila do Povo, Primavera e São Carlos. A gente imagina que vá ter um fluxo maior de veículos, conforme a solução adotada.

Era interessante ficar registrado que para suportar esse fluxo maior de veículos, vamos precisar uma readequação e de um reperfilamento naquelas vias. Porque do jeito que estão hoje elas não comportam. É uma questão que deixo registrada para que possa haver estudos. Acredito que até em conjunto com a própria prefeitura para que seja ofertada proposta para minimizar esse problema também.

GERENTE ROBERTO BISOGNI (KLABIN): Só para fechar, Leite. Fica registrado. Temos uma preocupação e acho que fica claro isso na nossa resposta, uma preocupação social com os nossos vizinhos. Então todas as ações mitigadoras que forem necessárias e planos necessários para minimizar esses tipos de impactos, serão apresentadas conforme forem analisadas caso a caso.

Vereador Waldir Leite: Por último. Vi que na apresentação, também, não tem como muro ou cortina verde resolver o problema 100% de ruído, de poeira. Não tem como. Até porque além dos equipamentos públicos que temos ali, que é a escola, e num futuro muito breve teremos creche no lugar do albergue. Diga-se de passagem, Sr. Prefeito, que a comunidade desde já agradece por não ter mais o albergue na nossa região. Essa troca vai ser muito bem-vinda, as pessoas já o parabenizam por isso. Então a quadra esportiva, tudo isso a comunidade está aprovando. Mas quero deixar registrado, neste momento, que é muito importante a questão – como também foi falado aqui – das vagas ofertadas para os empregos, sejam ofertadas prioritariamente às pessoas da região. E para que isso possa ser consolidado, tem que haver, e pode ser até em conjunto com a própria Secretaria de Trabalho, alguns convênios para que haja essa qualificação de maneira antecipada para quando chegar na hora do preenchimento dessas vagas, essas pessoas da região tenham oportunidades de poder preencher essas vagas também. Acredito que isso seria uma iniciativa muito positiva também.

Já, com relação, como estamos vendo a boa intenção da Klabin com medidas compensatórias, quando apresentou aqui o projeto da reforma da escola, da quadra, da creche, gostaria de deixar já registrado algumas outras coisas que também acredito sejam importantes. Aquela região ainda não tem

um centro comunitário; aquela região precisa, com esse aumento de fluxo que vai ter de uma maneira ou outra, as vias principais da região acho que precisam de uma atenção especial também. Tudo isso já conhecemos, in loco, estive com vocês lá, no bairro, mostrando tudo isso. E acredito que essas medidas serão muito positivas para que, realmente, tenhamos um empreendimento positivo, que venha ajudar nossa cidade, que venha ajudar nossa população, que venha ajudar nosso futuro.

Seria isso, fico grato pelas respostas e gostaria muito que fosse analisado com bastante critério, com bastante cuidado todas essas questões que coloquei. Uma vez que eu as coloquei com muita propriedade, uma vez que estamos naquela região, diariamente, conversando com as pessoas.

GERENTE ROBERTO BISOGNI (KLABIN): Obrigado Leite, a gente agradece. Acho que essas contribuições são importantes justamente para nortear um pouco o nosso trabalho e conhecer um pouco as demandas de vocês.

MESTRE DE CERIMÔNIA (Ciro): Próxima pergunta do Emanuel da Unespar.

Sr. Emanuel (Unespar): Boa noite a todos. Sou acadêmico de Administração da Unespar/Paranaguá, fiz estágio no TCP – Terminal de Containers de Paranaguá. Em vista da precariedade das escolas e universidades do município e do não suprimento das vagas do mercado de trabalho que já temos hoje, aqui. A exemplo do meu estágio lá. Por exemplo, Paranaguá não tem o curso de engenharia. Então de onde vêm os engenheiros de Paranaguá? Eles vêm de fora, eles são importados! Claro que o desenvolvimento é importante e as empresas têm participação direta nisso. Mas também é importante ter mão de obra qualificada, capital humano para suprir essa necessidade. Minha pergunta não é só para o pessoal da Klabin, mas é também para Executivo da cidade. Ao mesmo tempo que temos essa precariedade no ensino da região, a vinda e o atrativo de trazer empresas novas, unidades logísticas e retroportuárias como essa da Klabin, aqui, para Paranaguá, é importante que venham acompanhadas também de medidas não só como reforma, mexer na infraestrutura de escolas ou de universidades

ou de cursos técnicos e tal. Mas também de medidas que influenciem essa qualificação. O rapaz que apresentou o Projeto falou sobre essas medidas, sobre esses cursos profissionalizantes para o pessoal da região. Mas isso ficou muito genérico, não ficou muito bem explicado em que medida a parceria com o Sebrae, a parceria com a Secretaria do Trabalho, como o Vereador Leite colocou. Queria que vocês aprofundassem, assim, de que forma a empresa vai ajudar o desenvolvimento de trazer expertise de vocês para as pessoas da região, para que não fique só: aqui a gente fornece para vocês a matéria-prima mais primária e o capital intelectual trazido só de fora.

Queria saber qual é a medida de vocês e como que vocês, empresa, enxergam isso?

SECRETÁRIA ALINE CARLA COSTA: Bem, eu fui apresentada como Secretária de Urbanismo, mas, antes disso, sou Engenheira Civil, formada pela Universidade Federal do Paraná. Sou parnanguara nascida e criada aqui e resolvi, depois de formada, voltar a trabalhar no meu município porque acredito no desenvolvimento de Paranaguá. A empresa Klabin e nenhuma outra empresa pode firmar, aqui, algum compromisso com construções ou reformas sem que haja um estudo por parte do município. Estamos falando aqui de escolas, de albergue ou Casa Lar, que são demandas de outras secretarias que precisam ver a demanda na região. A Klabin não pode se comprometer em construções ou realocações de áreas. Acredito, também, claro depois desse Estudo aprovado, se aprovado, é um Estudo. Isso decorre de outras demandas dentro da própria prefeitura para ser aprovado. Não é aqui que isso vai ficar definido. Isso vai ser levado para o Conselho do Plano Diretor do Município de Paranaguá, para uma posterior aprovação, e, daí sim, verificar as possibilidades em conjunto. Com a Secretaria do Trabalho, com o Sebrae, com o SENAC para aperfeiçoamento dessa mão de obra local.

SR. FRANCISCO RAZZOLINI (Diretor Planejamento KLABIN): Pedindo licença para completar o tema. A Klabin nas diversas localidades em que ela atua, tem fortalecido muito essa rede local. Gostamos de ter acesso aos profissionais que estejam na própria cidade. É muito mais simples para todos nós que as pessoas já estejam localizadas ali e possam desempenhar suas

atividades profissionais no seu próprio município de origem. Estamos trazendo o investimento e estamos trazendo a oportunidade de emprego e, tendo também, conexões com diversas escolas, a gente usa muito o Sistema AES-Senai, ou SENAT, para esse desenvolvimento. Utilizamos muito o Pronatec, agora, no nosso desenvolvimento lá da região de Ortigueira para captação de mão de obra local. Os mecanismos existem e as oportunidades existem. Agora depende, também, das pessoas procurarem e se dedicarem para que essa realidade aconteça. Obrigado.

MESTRE DE CERIMÔNIA (Ciro): Próxima pergunta será feita por Tereza Fernandes Lopes, do Jardim Emboguaçu.

Sra. Tereza Fernandes Lopes: Boa noite a todos. Fiz três perguntas e gostaria de que, pelo menos, uma seja respondida. A primeira seria o por quê da reunião aqui e não lá perto do nosso bairro onde vai ser construída a firma, certo? Porque lá tem lugar e muitas outras pessoas gostariam de ter vindo e não tiveram a oportunidade devido a horário de trabalho e outras coisas. A segunda é sobre o Colégio Berta. Vai haver segurança para as crianças com o início da construção? Já está tendo máquinas, carros. Têm muitas crianças estudando ali e quero saber se vai haver segurança antes, durante e depois da construção? Essa é a prioridade. E a terceira pergunta é sobre o escoamento. Mas já foi respondido. O Vereador Waldir já esclareceu e vocês já esclareceram para nós. Vocês falam muito que está gerando emprego para o pessoal, estão falando muito em qualificações. Mas e aquelas pessoas que não têm qualificações elas também têm prioridade. Porque muitas firmas já vieram para Paranaguá, já ofertaram empregos e muitos dali do meu bairro até hoje estão desempregados, muitos fazem bico porque vem firma e só fala que vão dar emprego e não dão! Gostaria de saber se vai ser, realmente, prioridade para os Bairros ali do Emboguaçu, Primavera, Vila do Povo e Morro da Cocada que não foi citado? Obrigada, só isso.

GERENTE ROBERTO BISOGNI (KLABIN): Obrigado pelas perguntas, Tereza. Nosso interesse inicial era sim de realizar essa Audiência Pública ali no entorno da região. Tivemos uma dificuldade, na verdade, de identificar um local com todas as licenças e autorizações. Licença, por exemplo, de operação, e as

autorizações do Corpo de Bombeiros para que garantisse a segurança de todos que estão participando. Além do que havia uma expectativa de, realmente, ter uma participação grande como essa que está ocorrendo aqui. Quando decidimos trazer para cá, a primeira decisão nossa foi garantir que íamos disponibilizar transporte gratuito para que todas que tivessem interesse e viessem. E foi o que foi realizado.

GERENTE UILSON PAIVA (Comunicação – Klabin): Boa noite a todos. Em relação à questão da Escola Berta, evidentemente que sim, já dissemos isso anteriormente. Desde esse momento agora da construção, do começo da obra vai haver uma preocupação total com a divisória, a divisão entre o terreno das instituições – não somente da escola. Temos que lembrar que hoje já tem, funcionando lá, o Lar das Meninas. Vamos ter a construção de um muro tão próximo quanto seja possível, um tapume e também vigilância constante. A nossa preocupação, estejam certos disso, de que ocorra esse isolamento entre essas áreas com total segurança para os usuários, para pais, para os próprios trabalhadores.

A tua outra questão, Tereza, é a respeito da questão da qualificação e oferta de mão de obra. É preciso entender que algumas funções elas exigem capacitação. Se a pessoa não consegue alcançar esse posto é por alguma falta de qualificação. Temos um projeto atualmente em curso, em Ortigueira, no qual demos capacitação para centenas de pessoas. E elas, hoje, estão trabalhando na obra, trabalharam ao longo desses anos e conseguimos um nível alto de participação das comunidades locais nessa obra em razão da qualificação que foi oferecida. Como também foi dito na apresentação anterior, será oferecido um curso de capacitação no bairro – no Emboguaçu, Vila do Povo, quer dizer, para que as pessoas dali que não tenham a qualificação possam então se preparar para atuar como operador de empilhadeira, como conferente e outras funções que a gente venha a oferecer. (Palmas)

MESTRE DE CERIMÔNIA (Ciro): O próximo a formular pergunta é o Vereador Márcio Costa (Ausente). Bom, então vamos para a próxima, pergunta agora da Suelen Ramos da Vila Primavera.

Sra. Suelen Ramos (Vila Primavera): Boa noite. O Vereador Waldir Leite já respondeu, mas continua minha dúvida sobre as águas pluviais, as águas das chuvas. Moro do outro lado, na Vila Primavera, fica ali na Rua Alagoas. É uma das ruas mais afetadas pelas águas das chuvas, sim, porque as firmas que ficam ali jogam todas as águas ali. Com isso o que ocorre? Alagamento. E a água vai para o mangue. E muitas dessas águas que vêm, vêm contaminadas. Queria saber o que vocês têm de proposta para aquela região em relação à água das chuvas. É isso.

SR. FRANCISCO RAZZOLINI (Diretor Planejamento KLABIN): O tema já foi endereçado aqui e nós precisávamos dar uma analisada mais profunda na verdadeira saída. Mas, vale lembrar que o nosso empreendimento, ali, não vai trazer mais ou menos chuva para a região do que já tivemos até hoje. O que vamos fazer é impermeabilizar uma parte da área que são 25 mil metros quadrados, em 47 mil, cerca de 40% do total. Ou seja, continuará havendo a drenagem natural. O que ocorre nessas regiões muito baixas é que essa drenagem funciona para chuvas com pouca intensidade. Quando a chuva aumenta a água, imediatamente, deixa de ser absorvida pelo solo e vai para as canaletas e vai aí causar os alagamentos. Ou seja, nós não estamos contribuindo por aumentar o problema, estamos tentando é mitigar o problema desviando. Não vamos acrescentar mais água do que aquela que já vem hoje, principalmente nas chuvas fortes, quando a área superficial deixa de ter influencia significativa nesse processo.

MESTRE DE CERIMÔNIA (Ciro): Próxima pergunta da Sra. Carla Moreira da Silva, da Vila do Povo.

Sra. Carla Moreira da Silva (Vila do Povo): Boa noite a todos. Sou licenciada em Ciências Sociais da UFPR, campus aqui de Paranaguá, e minha questão é mais para o lado social. Vocês falaram da questão de reformas escolares e isso tudo é muito bonito. Mas as reformas propostas por vocês vão ficar a cargo de vocês a realizar, ou vai ser direcionado para a prefeitura? E se for direcionada à prefeitura vocês vão ficar guardiões responsáveis do cumprimento dessas obras? É isso. (Palmas)

SR. UILSON PAIVA (Comunicação – Klabin): Obrigado Carla pela tua pergunta. Pretendemos, em primeiro lugar, essa é uma proposta que foi feita em relação às instituições vizinhas. Não é uma contrapartida do Estudo de Impacto de Vizinhança. Não foi apresentado impacto e que isso seja uma contrapartida. É uma proposta de investimento social da Klabin em relação aos nossos vizinhos que são as instituições. Nossa proposta é fazer uma reforma da escola, uma ampliação necessária mexendo na área de lazer, parque, a questão do próprio pátio da escola. Isso tudo, claro, em consonância com a prefeitura. A prefeitura vai nos dizer exatamente as necessidades – tanto da escola quanto do Lar das Meninas que também nos propusemos a reformar. Como, também, o albergue que hoje está desativado e fizemos uma proposta então de reformar para transformação em uma creche, que é um pedido da comunidade. E respondendo a segunda parte da pergunta, nós vamos promover essa reforma, quer dizer, financiado pela empresa. Evidentemente com as tratativas todas necessárias com a prefeitura porque se trata de equipamentos públicos que nós estaremos trabalhando neles. Há toda uma questão legal aí que precisa ser detalhada e que vamos fazer isso no momento oportuno, desde que essa proposta seja aprovada.

MESTRE DE CERIMÔNIA (Ciro): Próximo a perguntar é o Junior, morador da Vila do Povo.

Sr. Junior (Vila do Povo): Boa noite. Vocês falaram sobre a construção da ponte ali que passa na frente da Escola Berta. Isso daí, como é que vou dizer, por que a ponte não pode ser feita, a passarela antes da construção da firma no bairro? Por que tem que ser depois? Caso fosse antes seria um bem muito maior para a população, se for depois seria algo vago, seria só em benefício da empresa. Por que não pode ser feita a ponte antes, a passarela para melhorar a circulação ali dos usuários ali, das crianças e das pessoas ali do local?

SR. FRANCISCO RAZZOLINI (Diretor Planejamento KLABIN): Junior obrigado pela pergunta. Tem sido até recorrente. A gente tem de ter uma solução integrada ali que precisa ser analisada pela prefeitura, por quem opera e por quem é dono daquela área que é a ALL, e pela Klabin que vai ser o novo

vizinho. A nossa dificuldade em construir uma passarela já foi mencionada aqui, não é de construir a passarela. Mas uma passarela significa que você vai ter que subir a seis metros de altura, cruzar a passarela e descer do outro lado com toda a segurança. O que temos visto muito por aí, se faz esse investimento e ninguém usa. Então como é que a gente bloqueia a passagem em cima da via antes que alguém possa usar? Podemos instalar a passarela. Mas aí fica uma passarela lá, uma obra que vai ficar para ninguém! Então, como é que estudamos a questão do trânsito, de bloquear completamente a via para que as pessoas não arrisquem passando por cima da estrada, da via pública ou passando por cima da ferrovia? Esse é um problema principal.

Sr. Junior: As crianças vão ficar se arriscando, ali, se atravessando na frente de trens, já que o movimento vai ser constante de trens. As crianças vão ficar se atravessando e arriscar as vidas. Quantas vidas vão ser precisas para alertar os órgãos, no caso a Klabin, para aquela parte da localidade? Quantas vidas precisarão ser perdidas para isso?

SR. FRANCISCO RAZZOLINI (Diretor Planejamento KLABIN): Hoje eu passei pelo terreno ali, vendo a obra e vendo o local, tinham crianças jogando futebol em cima da linha férrea hoje.

Sr. Junior: Porque não houve um projeto de conscientização a essas crianças, elas são crianças! Quem é que nunca foi criança, quem é que nunca fez uma coisa errada? São crianças. A empresa deveria ter a consideração: não vai ali, não faça isso. Porque crianças são apenas crianças. A gente tem que investir em educação nelas, porque elas são o futuro da nossa sociedade, são o nosso futuro.

SR. FRANCISCO RAZZOLINI (Diretor Planejamento KLABIN): Por isso que nós estamos olhando essa questão de melhorar a escola, de melhorar a área de playground da escola, de melhorar uma área de lazer mais próxima ali com uma quadra coberta para que eles possam fazer um esporte na localidade apropriada. Essa é uma questão que se fosse uma simples questão de coloca passarela, não teríamos dificuldade. Agora, ela precisa ser estudada, qual é o melhor acesso, por onde que ela entra, como é que ela funciona, como é que ela tem acessibilidade a cadeirantes. Tem todo um processo que é complexo

de lidar. Até porque ali o trânsito é inverso, as faixas são inversas. Já existe, hoje, todo um impacto do trânsito de trens e de caminhões naquela região. Não vamos aumentar muito isso. Vamos, simplesmente, fazer a manobra ali de uma composição numa linha própria para isso. Estamos aí à disposição e estamos olhando essa questão. Não está esquecida não!

MESTRE DE CERIMÔNIA (Ciro): Se houver mais dúvidas, Junior, os diretores da Klabin ficam à sua disposição após o encerramento da nossa audiência. Próxima pergunta de Marcelo Dias, ele é administrador e morador da Vila São Vicente.

Sr. Marcelo Dias (Vila São Vicente): Boa noite a todos e a todas. Parabéns ao pessoal da Klabin por esta explanação hoje, por esta Audiência Pública. São duas perguntas que acho pertinentes. A primeira por se tratar de um tipo de mercadoria, como será feita essa questão do controle na questão de incêndios, se haverá alguma brigada de bombeiros na área. Até porque temos histórico em Paranaguá de alguns acidentes, infelizmente, que ocorreram em terminais de cargas até próximo àquela região, gerando uma série de problemas ambientais na nossa cidade. A segunda pergunta é com relação à questão do ISS. Quais tipos de serviços serão prestados e gerados? A minha dúvida, principalmente, por eu ser da área de comércio exterior, a questão do próprio terminal onde estará movimentando essa mercadoria – se a empresa, se sua filial estará registrada em Paranaguá e, com isso, gerando esse tipo de serviço e, com certeza, se haverá emissão de prestação de serviço, notas fiscais, pela nossa cidade? Eram as perguntas. (Palmas)

SR. JÚLIO NOGUEIA (Klabin): Respondendo a primeira parte da sua pergunta com relação a combate a incêndio. Desde a hora que nós contratamos a empresa para iniciar a implantação do Projeto aqui em Paranaguá, essa empresa tem obrigação de cumprir as normas que a Klabin define para várias áreas, entre elas está a parte de segurança do trabalho e que inclui a parte de combate a incêndio. Além da empresa que está trabalhando aqui tem que cumprir todas as normas de combate a incêndio, a Klabin também tem a sua equipe, a sua parte que complementa isso. E durante a fase de operação, quem assume o projeto é a Klabin. Então a Klabin

é uma empresa que tem um sistema de gestão integrado, que engloba qualidade, saúde, segurança, meio ambiente. Temos, também, toda parte de qualificação dos funcionários para ter, os brigadistas, para fazer o primeiro combate a incêndio. E, além de tudo, uma instalação adequada que vai servir quando precisar atender uma emergência. Então temos a obrigação de ter, primeiro: instalações adequadas para estar disponível para atender uma emergência; e também qualificar os seus profissionais para que saibam usar os equipamentos e ter os procedimentos adequados para isso.

GERENTE ROBERTO BISOGNI (KLABIN): Marcelo referente à sua pergunta sobre a questão do ISS. A princípio essa unidade vai ser uma filial da Klabin Paranaguá, a gente ainda não tem definido se haverá terceirização do serviço ou não. Isso impacta a geração de ISS. O que é certo já e temos mapeado isso, é a geração de ISS de todas as atividades suporte à nossa operação nesse armazém. Por exemplo, toda a operação de transporte do terminal ao Porto, já respondendo a algumas das perguntas aqui, não será com frota própria da Klabin. Vamos utilizar transportadores locais para fazer esse tipo de transporte. Temos, também, a questão da operação portuária que também gera ISS. E temos toda a operação, normalmente atividades terceirizadas do armazém, com a questão de segurança patrimonial, serviço de alimentação, a gente sabe que toda essa operação independente da questão do armazém em si, vai gerar uma arrecadação significativa. Um aumento na arrecadação para a Prefeitura Municipal.

MESTRE DE CERIMÔNIA (Ciro): Próxima pergunta do Sr. João, da empresa BRF, morador no Emboguaçu.

Sr. João (Emboguaçu): Boa noite senhores. Uma pergunta que quero fazer é sobre o motivo de tratamento da água dos efluentes que vocês vão produzir lá. E o resíduo de poeira que, com certeza, vai conter na área, no local nesse momento em que vocês estiverem começando a utilizar a fábrica, o terreno?

SR. JÚLIO NOGUEIRA (Klabin): Com relação aos efluentes sanitários, aos efluentes domésticos, durante a fase de implantação do projeto teremos a coleta desses efluentes e o tratamento com fossas sépticas. Isso durante a

fase de implantação. Quando tiver toda a instalação pronta e iniciarmos o processo de operação do armazenamento de celulose, nós teremos que ter toda a nossa rede de esgoto interligada ao sistema de esgoto da CAB. E após, então, o término da implantação, isso tem obrigação de estar funcionando interligado à CAB.

Com relação à poeira, durante a fase de implantação, temos todas as etapas que o Alysson apresentou para mitigar o problema da poeira. Só para lembrar algumas das medidas. Teremos que fazer toda a umectação ali enquanto tiver movimentação de terra, você faz a movimentação de terra e se está em épocas que não chove, você acaba gerando poeira. Para amenizar esse impacto temos que fazer a umectação ali do terreno onde está tendo movimentação de terra. Também teremos um tapume em toda à volta da obra; teremos a construção de um muro de três metros de altura da face onde tem a escola, o albergue e o Lar das Meninas. E, também, teremos a necessidade de fazer uma cortina verde, através da plantação de árvores que vão ser determinadas aí pelos órgãos competentes do município. Quais são os tipos, as espécies, que deverão ser plantadas para fazer essa medida mitigadora para complementar todas as outras que eu falei.

Lembrando que, durante a fase de operação, nossa área é uma área limpa. Como o Francisco Razzolini comentou, estamos estocando, ali, celulose, celulose enfardada que é um produto que tem que ter atenção especial. Porque é um produto que vai ser usado para produção de papel que vai entrar em contato com alimentos, em contato com absorventes, e que tem contato com o ser humano. Tem toda uma necessidade de higienização, de manter a área limpa e organizada. A geração de poeira durante a fase de operação ela é mínima, ela não deve ser um impacto significativo. É uma atividade que vai ter que ser mantida limpa e organizada constantemente.

MESTRE DE CERIMÔNIA (Ciro): Nossa equipe de gerentes e diretores receberam ainda algumas perguntas formuladas por vocês, mas que ainda não foram abordadas. Eles passarão a responder a partir de agora. O senhor Dirceu quer fazer uma pergunta.

Sr. Dirceu (Bairro Primavera): Boa noite. Sou o Dirceu e moro ali no Bairro Primavera. Queria assim de vocês uma atenção especial, como falei, é um pedido e não é uma pergunta, para o pessoal que mora do Supermercado Quibarato até o Campo do Bolinha. Não sei se alguém aqui conhece. A minha casa e a casa de algumas pessoas que moram ali, ela fica acima um pouquinho do Rio Emboguaçu, parte de trepidação. Até na frente da minha casa tem uma lombada, temos um risco muito grande ali, tem rachaduras. Os nossos muros já estão ficando meio afastados. Queria saber se vocês poderiam dar uma atenção especial para nós ali, para que não aconteça isso, que não ocorra esse tipo de rachaduras. Têm crianças ali, eu tenho dois filhos que têm problema respiratório. Então eu queria que vocês desse uma atenção especial para nós ali. Obrigado.

(A partir deste momento as perguntas são lidas pela Mesa de Trabalho – Diretores e Gerentes da Klabin)

GERENTE ROBERTO BISOGNI (KLABIN): O seu pedido está anotado. Vamos às próximas perguntas, por escrito agora, porém algumas perguntas são repetidas, já foram abordadas e vamos ler de qualquer forma para mostrar aqui a manifestação das pessoas. E, se for o caso, já passar para a próxima.

Nei Parizotto – Presidente do Bairro Primavera: “Gostaria de saber o destino final da drenagem, da passagem de nível que será feita para melhorar?”, ambas as perguntas já foram abordadas aqui.

Odinei Pereira – Bairro do Emboguaçu: “Número de vagões na manobra e a água que hoje deságua no Arapongas, se possível uma nova passagem de nível”. A questão de passagem de nível, só reforçando o que falamos, é um interesse nosso, também, eliminar a questão da passagem de nível. Mas é uma ação que não depende só da Klabin, mas, sim, de uma parceria com a ALL. Mas, principalmente, uma autorização aí da ANTT.

O número de vagões na manobra, como disse, cada encoste, vai ser um encoste mais ou menos a cada dois dias; cada encoste vai ter 71 vagões e toda essa operação de descarga vai ser realizada em até 14 horas. Depois,

mais 28 horas sem nenhum impacto ali, sem nenhuma travessia na passagem de nível até a próxima composição chegar novamente a Paranaguá.

Geert Jan Prange: “Considerando o existente congestionamento ferroviário entre Curitiba e Paranaguá, que tende sempre a piorar. Como o Projeto da Klabin pretende não ser prejudicado pelo fato citado?”. A gente investiu, desde o início foi uma preocupação nossa sabendo que teríamos uma conexão ferroviária – do site de Ortigueira até Paranaguá – e desde o início das conversas com a ALL, pedimos sempre garantia de que teríamos capacidade de trafegar com os nossos vagões e com as nossas composições em todo o trecho. Não somente de serra mas, também, o trecho do Planalto ali Central do Paraná. Nossa contribuição, até a nossa saída para minimizar esse tipo de problema foi garantir que estamos investindo nos ativos mais produtivos possíveis. Então a compra dessas sete locomotivas que realizamos são locomotivas que hoje, ainda, não estão em operação no Brasil. É uma locomotiva da GE que estão sendo fabricadas nos Estados Unidos. Vamos ter a primeira entrega ainda este ano o que fará com que essa viagem seja mais rápida. Até pelo fato de que a mesma locomotiva vai ter a capacidade de trafegar na área de Planalto e descer para a serra. Em relação à questão da capacidade da serra temos uma garantia da ALL de que, com esses ativos, a gente consegue escoar sem problemas até Paranaguá.

Geert Jan Prange: Boa noite, me permita discordar. A sua observação foi com relação ao equipamento da Klabin. O nosso problema é que a linha férrea Paranaguá/Curitiba, usada pela ALL, está saturada. Ou seja, o número de composições que trafegam agora, da ALL, entre Planalto e Litoral, já satura a linha toda. E os senhores vão colocar mais vagões e mais locomotivas. Pergunto: como vão resolver este problema, não dos seus equipamentos, mas o uso da linha férrea de Curitiba para cá? Este é o problema que eu apontei e o senhor não respondeu! (Palmas)

GERENTE ROBERTO BISOGNI (KLABIN):: Geert Jan Prange, assim, Sr. Geert Jan Prange, desculpe. Desde o início do Projeto, mais uma vez, nós fizemos simulações e isso entrou no planejamento operacional da ALL. Temos um contrato com a ALL de garantia de performance, assim como sabemos que

as outras empresas que transportam produtos até Paranaguá, também têm o mesmo. Temos a garantia de que, da parte deles, de que há capacidade disponível para trafegar até Paranaguá.

SR. FRANCISCO RAZZOLINI (Diretor Planejamento KLABIN): Acho que essa questão tem que ser endereçada à ALL que nos deu o contrato e nos deu a garantia. (Palmas) Estamos tratando, aqui, do Alvará do empreendimento aqui em Paranaguá nessa questão da ALL, e nós já superamos há três anos atrás. Porque ninguém faria um investimento desse tamanho se não tivesse a garantia logística. (Palmas)

GERENTE ROBERTO BISOGNI (KLABIN): Próxima pergunta: Feres – da Secretaria Municipal de Urbanismo: “Considerando que o atual Plano Diretor do Município prevê a execução de um novo ramal ferroviário, passando pela ZDE e pela Zona de Interesse de Expansão Portuária, a Klabin irá se deslocar para uma dessas áreas liberando os atuais trilhos para transporte coletivo?”. Essa pergunta entendemos que pode até ser direcionada para a ALL, mas, de qualquer forma, vale mencionar que todos os ramais que serão utilizados pelas manobras da Klabin desde o quilômetro cinco até dentro do nosso armazém, vão ser construídos pela própria Klabin. Não iremos ocupar nenhuma linha hoje, existente, na nossa operação. Se a pergunta é referente, por exemplo, ao vagão de transporte de passageiros que costumava vir até Paranaguá, as linhas vão continuar da forma que estão hoje. Não iremos contribuir pela ocupação maior dessa linha.

Andrea Soares – Moradora do Emboguaçu, com respeito à segurança em questão à escola; perguntando sobre a drenagem e a água que esgotará na Rua Iara. Foi feito um levantamento sobre esse esgotamento. Também já mencionamos aqui, também colocamos o nosso compromisso de acompanhar e entender, apesar de já ter um entendimento com a Prefeitura do uso ali do sistema de drenagem da Rua Iara. “Passarela onde irá ser construída”. Não seria uma questão de pré-projeto e, sim, algo já envolvido no Projeto. Essa foi uma demanda mais recente num contato nosso com a comunidade. Começamos a ouvir principalmente de mães, ali, que têm crianças frequentando a escola e já preferimos trazer esse assunto já na Audiência

Pública, mostrando a nossa proatividade na intenção de resolver esse problema.

Júlio Poleti: “Qual a tonelagem de produtos a ser movimentado por ano, via Porto de Paranaguá?”. A princípio o empreendimento vai movimentar 900 mil toneladas, por ano, de uma carga que hoje a gente não movimenta. Esse Projeto ainda está sendo construído a unidade em Ortigueira. Mas vale mencionar que, além desse volume, já temos cerca de 300 a 350 mil toneladas que já movimentamos através de Paranaguá, atualmente, em terminais de terceiros. Fazendo a estufagem de containers. Esse volume continuará escoando aqui por Paranaguá.

Uma segunda pergunta: “Esses 30 caminhões citados para transporte de 5 km seriam da cooperativa ou particular da Klabin?”. Não temos interesse de colocar frota própria. A princípio estamos considerando os caminhões que já ofertam esse tipo de serviço aqui em Paranaguá.

Leonardo Mamede – da Vila do Povo: “Se existe a possibilidade de rebaixamento de nível da linha férrea na travessia da Berta Elias?”. Acho, também, que já abordamos esse assunto. Existe aí a preocupação de dar uma solução ali para tanto a passagem de pedestres, quanto a passagem de nível.

Última pergunta é de Paulo Sérgio Rodrigues – da Vila Primavera: “Qual vai ser a empresa que vai construir o terminal?”. A empresa de chama HOCHTIEF. É uma empresa já muito conhecida, com muita expertise principalmente na construção de empreendimento dessa natureza, por exemplo, de armazéns.

SR. UILSON PAIVA (Comunicação e Sustentabilidade – Klabin)/(Irá proceder às próximas perguntas)

Tenho algumas perguntas a respeito de empregos e menores aprendizes. Começando por elas.

Márcia Regina (Prefeitura Municipal): Pergunta: “A klabin oferecerá vagas para jovens aprendizes?; o Marcos Alves da empresa Anlipar, Bairro Vila Horizonte, também pergunta: “A Klabin irá contratar jovens do Programa Jovem

Aprendiz oriundos do CRAS. Jovens na vulnerabilidade social e estagiários?; e também Alcides Siqueira – da Vila do Povo, pergunta: “Como será feita a contratação de menores aprendizes?”. A Klabin já utiliza, já tem menores aprendizes nas suas unidades. Então existe sim a possibilidade, futura, agora, na operação, de contratação de alguns desses jovens aprendizes na área administrativa. Não sabemos ainda quantos, mas com certeza isso vai ser no momento oportuno divulgado na comunidade, enfim. Deixando claro que é na operação, na obra jamais, na obra não pode menor aprendiz trabalhar. Seria na operação na área administrativa da futura unidade.

Tenho aqui algumas perguntas de emprego. São quase vinte e tantas aqui.

Jocimar – Secretário da Associação de Moradores da Vila do Povo: “Como serão feitas as contratações de moradores da região? Qual será a porcentagem de contratações das três regiões?”.

Leocádio Filipe da Silva Assunção – Emboguaçu: “Onde posso entregar o currículo e a partir de quando?”.

Josiele Souza – Jardim Alvorada: “Em relação à capacitação de profissionais pela Klabin quando começará, como será feito, qual será o meio de qualificação, como será feita a seleção desses profissionais – tanto da área administrativa, quanto da operacional?”.

Jonatan Viega da Silva – Vila Nova Primavera: “Como fazer para se cadastrar às vagas de emprego que serão fornecidas?”.

Robson Cristo de Souza – Vila do Povo: “A Klabin irá gerar empregos conforme está na Cartilha? Os moradores próximos à unidade logística de papel e celulose terão a preferência nessas vagas?”.

Débora Nunes Tomaz – Emboguaçu: “A minha pergunta é se vai ter emprego para as mulheres e se vai ter para as pessoas deficientes, pois sou deficiente?”.

Márcia de Souza – Vila do Povo: “Sobre os cursos. Vai ter cursos para mulheres?”.

Rosemeri Rosário – Vila Nova Primavera: “Quando iniciará a obra e como será feita a seleção dos funcionários?”.

Denício Souza Santos – Vila Paranaguá: “Quando vai começar a formação dos operadores?”.

Nicole Rosa da Silva – Vila do Povo: “Qual a data prevista para contratação de funcionários?”.

Fagner Mineiro – Vila do Caíque: “Quando vão começar a contratar na Klabin e onde entrego meu currículo?”.

Luciana – Vila Primavera: “Qual a qualificação necessária de estudo estabelecida pela empresa?”.

Jader da Silva de Assunção – Emboguaçu: “Como será feita a seleção de pessoas para a capacitação das vagas de emprego?”.

E a última, de emprego, da senhora Evaíra Ruan – Sindicato da Estiva, Emboguaçu. Bom, se eu errei o nome me desculpe, mas a pergunta vou acertar! “Quem garante aos moradores as 100 vagas que vão proporcionar e se eles vão dar o treinamento?”.

Vamos lá! Como é que vai funcionar a questão de capacitação, e currículos, como pleitear essas vagas. A Klabin já vem utilizando no Projeto Puma o sistema da Agência do Trabalhador. Então os interessados vão até a Agência do Trabalhador, aqui no município tem, faz a sua inscrição. Deixa lá sua qualificação, sua capacitação e a empresa precisando dessas vagas ela recorre à Agência e lá busca seus profissionais. Essa é a maneira que temos feito em Ortigueira e tem funcionado muito bem. Seria a primeira resposta.

Garantia de vagas, a gente não disse lá que vai garantir vagas aos moradores do bairro. Dizemos que vamos, prioritariamente, qualificar as pessoas desses bairros. Queremos que as pessoas dos bairros vizinhos se qualifiquem e ocupem essas vagas. O primeiro passo seria fazer a qualificação. Os já qualificados irem à Agência do Trabalhador, deixar sua inscrição lá que serão procurados.

O prazo. Temos para a operação, a operação começa no ano que vem. Temos até o segundo semestre agora para começar essa procura por vagas. Vocês deverão ter notícias a partir do segundo semestre, de julho para frente, a respeito das vagas, qualificações e necessidades. Vamos usar toda a estrutura de comunicação da região: rádio, jornal, no bairro. Isso vai ser comunicado a todo mundo.

A qualificação necessária depende das vagas. Operador de empilhadeira precisa de um curso, administrativo outro. São diversas funções. Não há uma resposta única para isso. Quando vai começar a formação dos operadores: segundo semestre, também. Temos esse compromisso de montar o curso, encontrar instituição parceira que vai dar esse curso local e divulgar para as comunidades.

Quando iniciará a obra: assim que tivermos o Alvará. Estamos fazendo essa Audiência Pública em busca desse requisito legal para começar a construção. Como será feita a seleção dos funcionários já falei. Vai ter curso para mulher? Vai! Mulher pode trabalhar na Klabin sim. São as melhores motoristas de empilhadeiras diz o Francisco, aqui, com toda sua experiência. São mais cuidadosas. Vai ter curso e as mulheres podem participar dos cursos. Emprego para mulheres e vaga para deficiente: sim. A Klabin observa isso nas suas unidades. Evidentemente que não são todas as funções numa operação que permitem isso. Mas, nas áreas administrativas, sobretudo, há a contratação de pessoas portadoras de deficiência.

Se os moradores vão ter preferência dessas vagas. Já falei que, prioritariamente, queremos que essas pessoas se habilitem, se qualifiquem.

Aqui uma pergunta diferente, mas que também complementa: “Qual será a porcentagem de contratações das três regiões, dos três bairros?”. Nós não estamos estabelecendo cotas dizendo: - Olha, 30% aqui, 20 ali. Não. Isso vai depender da procura, da disponibilidade. Gostaríamos que 100% das vagas fossem para as três localidades vizinhas. Tem uma pergunta que vai lá para o Júlio que está no meio aqui, é na parte ambiental.

Tenho algumas perguntas de outros temas. Em relação à escola: “Qual é a proteção referente à Escola Berta Elias?”. Já abordamos essas questões. Desde a obra, começo da obra – com muro, com tapume, com vigilância e toda a questão de proteção na questão de ruído, poeira. Não somente para a escola, mas, também, para o Lar das Meninas e para os moradores da região isso vai haver. Com respeito à segurança com relação à escola: “se fala em questão de segurança para os usuários da escola – para alunos, professores, funcionários?”. Nosso compromisso é de total segurança quanto ao funcionamento da escola. Como foi dito, no Estudo de Impacto de Vizinhança, não identificamos nenhum impacto da nossa operação, desde a construção, agora, até a operação que viesse a impedir o funcionamento da escola ou do Lar das Meninas ou de alguma outra instituição ali. Há impactos que devem ser mitigados e é o que estamos nos propondo a fazer. A passarela já foi respondida, a água também.

SR. FRANCISCO RAZZOLINI (Diretor Planejamento KLABIN): Só completando a questão da escola em relação à nossa obra. A localização física do nosso armazém, do nosso Centro de Logística, vai ficar cerca de 50 metros deslocado da escola em relação ao pátio de manobra da ALL lá, do quilômetro cinco. Hoje vocês veem alguma movimentação lá porque estamos fazendo uma limpeza de terreno, mas essa parte não será utilizada. É mais agora para compor o Canteiro de Obra. Ela vai ficar bastante longe ali de onde é a escola e uma área que, normalmente, não é utilizada pela população dos bairros vizinhos. Mas ainda assim, como já foi mencionado aqui, haverá o fechamento de tapumes e haverá a construção do muro para separar das instituições que existem ali ao lado.

SR. UILSON PAIVA (Comunicação – Klabin):

A pergunta que li, da Berta Elias, é do Vilson Santiago do Emboguaçu. Marcos Paulo – da Vila do Povo: “Gostaria de saber, se tudo isso que vocês estão dizendo será realizado por vocês ou pela Prefeitura? Porque assim como vocês veem a cidade é esquecida pela Prefeitura. Então não contem com ela”. (Palmas) Nós já dissemos antes. Nós fizemos uma proposta de investimento social e isso precisa ser acertado com a prefeitura, que é a titular dessas

instituições. Isso tudo vai ter que ser negociado e acertado com a prefeitura, caso haja essa concordância.

Maria Laura de Freitas Sacramento – Vila do Povo: “Como a Klabin vai conseguir manter a higiene e eliminar os roedores, sendo que esse é um dos problemas de Paranaguá?”. Acho que já foi mencionado. Todo o cuidado que vamos ter em relação a isso – ratos e todos os animais peçonhentos possíveis. Porque esse tipo de celulose é uma celulose que vai ser utilizada em contato com pessoas e alimentos. Então temos um cuidado redobrado em relação a isso, assim como o produto também, que é um produto inerte, que não costuma atrair esse tipo de animais.

Sobre o trânsito: “A espera de dois a seis minutos pode custar uma vida na hora da emergência, principalmente para os moradores das nossas Vilas”. Em relação a isso uma emergência acontece em qualquer lugar. E uma emergência, como o nome diz, é uma emergência. Ela é tratada de uma forma diferenciada. Eventualmente estamos com uma operação no local, uma ambulância precisa passar, há a possibilidade de ser feito. Desengata um vagão, o trator empurra um vagão para lá e outro para cá, e possibilita essa passagem.

GERENTE ROBERTO BISOGNI (KLABIN): (Meio Ambiente – Klabin): Complementando. A operação é feita com trator, com composições menores, mais curtas. Ela tem uma flexibilidade muito maior. Então a possibilidade de parar um encoste, de fazer uma separação, de frenagem é muito maior do que se fosse com locomotiva. Então conseguimos minimizar um pouco esse impacto, no caso de emergência.

SR. UILSON PAIVA (Comunicação – Klabin): Nicole Rosa da Silva – da Vila do Povo: “O comentário sobre a indenização dos moradores dos bairros – Vila do Povo, Primavera e Emboguaçu é verdadeiro ou só boato?”. Só boato. Não tem nenhuma indenização prevista necessária, visto que a área adquirida é própria, a área adquirida é nossa hoje e não há nenhuma necessidade de outras áreas que venha a indenizar moradores.

Bruno Uietami ?, me perdoe se errei, Governo do Estado do Paraná, a APP-Sindicato, pergunta: “Há algum projeto de melhoria na mobilidade urbana pelo percurso dos vagões – como passarelas, viadutos, melhorias nas condições da malha viária que viabilizará o transporte dos produtos da Klabin? Se sim, quais e favor explicar detalhadamente”. Acho que essa questão também já foi respondida, a questão toda da passarela, da ponte, e alternativas na região.

Bruno Kobiski – da Prefeitura: “Ao invés de construir uma creche ao lado do empreendimento, não seria melhor construir essa creche em local não tão próximo e exposto aos ruídos, à poeira dos caminhões, em um local que possa atender a população do bairro? O impacto de ruídos seria significativo, visto que apenas um muro separa a creche da movimentação de cargas, de acordo com o estudo disposto no site. Acredito que esta, também, é a opinião de muitos técnicos presentes”. A respeito dessa questão da creche. Fizemos, além do Estudo de Impacto de Vizinhança, um estudo, um levantamento no bairro e também com a Prefeitura mostrando qual o relacionamento daqueles bairros com essas instituições. A comunidade nos disse, muito claramente, que não queria que a escola saísse de lá, que as instituições representativas dos bairros são pontos de confluência das pessoas. Por outro lado, a comunidade, também, nos disse, que o albergue desativado na situação que estava tinha muitos problemas. Quando nós tomamos conhecimento disso, propusemos a reforma da escola, a reforma do Lar das Meninas, e a questão do albergue já não existia a questão do albergue, o albergue já não estava lá. Propusemos essa questão da quadra e a questão da creche que chegou um pouquinho depois, mas, importante, vinda da comunidade e atestada pela Prefeitura, de que há um déficit de educação infantil, de creche na região. E que se poderíamos, então, avaliar a possibilidade de reformar aquele prédio. Aparentemente fizemos uma vistoria no que foi possível no prédio, o prédio é capaz de comportar uma creche. O prédio do albergue desativado. E nós entendemos que esse é o desejo da população do bairro. Não estou aqui entrando em discussão se albergue é bom, se o albergue é ruim. Essa é uma questão que a Prefeitura precisa endereçar com as demais autoridades competentes. A situação como está hoje é essa e a nossa proposta de

investimento social, seria a reforma do prédio hoje, desativado, do antigo albergue e transformar numa creche. Volto a dizer, aqui, numa questão que foi abordada por ele, o Bruno, que nós não identificamos no Estudo de Impacto de Vizinhança nenhum impacto da nossa construção ou operação que inviabilize a presença de uma creche ou de uma escola ou de um Lar das Meninas ali. São todos impactos que podem ser mitigados e é o que nós apresentamos aqui, hoje, essas medidas.

Bruno Ricardo - da Unespar: “A instalação da unidade Klabin, em Paranaguá, atende aos interesses da cidade de acordo com a fala do Prefeito e do site da Prefeitura de Paranaguá. Mas quem definiu a instalação da unidade como prioridade?”. A Klabin está construindo uma fábrica como foi dito, em Ortigueira, e ela precisa levar essa produção até outros países. Escolheu utilizar o ramal ferroviário que chega ao Porto da Paranaguá. Então, a prioridade foi definida pela Klabin e estamos, hoje, submetendo à população esse interesse, todos os procedimentos legais envolvidos e precisamos da aprovação para que isso realmente ocorra. A aprovação pública que vocês estão aqui hoje para fazer.

Hermes Goldstein Junior - Emboguaçu: “O empreendimento terá o privilégio de ser vizinho da Escola Municipal Berta Rodrigues Elias e ficará muito próximo à Escola Estadual São Francisco. Duas escolas que já são muito prejudicadas com as firmas existentes. Gostaria de saber se existe um plano de compensação para essas duas escolas no próprio bairro?”. Como compensação da nossa construção e operação, não, não há uma contrapartida aos impactos nas nossas propostas de investimento. Em relação à Escola Municipal Berta Rodrigues Elias, sim, estamos fazendo uma proposta de investimento social na escola. Nossa vizinha, a escola. E em relação à Escola Estadual São Francisco não temos nenhuma medida prevista.

Duas últimas perguntas. Osiel Marques da Silva – Associação de Moradores Itibere Valadares: “Falando sobre o social da Klabin. As associações de moradores de Paranaguá precisam urgente de ajuda. Caso esses projetos de ajudar entidades aos redores, ficarem parados, por que não ajudar as associações uma vez que elas mexem com toda a população?”. E,

aproveitando o gancho, a outra pergunta é de Sidnei Moreira, aposentado da Vila do Povo: “Que tipo de melhorias vai ter na Vila do Povo?”. Nós estamos falando aqui de propostas de investimento social da Klabin para os nossos vizinhos da operação. Entendemos que há uma série de demandas sociais no município, assim como há em Ortigueira, em Telêmaco Borba, em todos os municípios onde a Klabin tem operações no Brasil inteiro. Mas, infelizmente, não temos capacidade de atender a todos. Muitas vezes nem os órgãos públicos conseguem atender a todos. Mas a gente leva essas duas sugestões. A Klabin tem um trabalho social, diversos projetos que já estamos estudando a possibilidade de aplicar aqui em Paranaguá, a partir do começo da operação. Era isso.

SR. ROBERTO BISOGNI (Logística Internacional – Klabin): Antes de passar para o Júlio, recebi mais algumas aqui.

Da Vânia da Vila do Povo: “Qual o fluxo de movimentação e a segurança em questão, em questão de monitoramento no momento do processo?”. Se entendi, Vânia, sua pergunta, só para resumir. A operação, ou seja, a gente recebe tudo de ferrovia, esses vagões operam dentro do nosso armazém. A gente descarrega todos os vagões com o uso de empilhadeiras. Essa celulose fica armazenada por um período até que tenha a chegada do navio, que a gente já sabe, com antecedência, e já é planejada toda essa operação. Fazemos o carregamento dos caminhões a partir do estoque. Esses caminhões seguem até o Porto e são carregados diretamente ali no navio.

Bruno Reidi: “A empresa contará com terminal portuário privativo ou fretagem normal concedida pela APPA? E se o terminal portuário for privativo poderá, ele, ser atracado por outros navios que realizam fretagem de outros produtos?”. Na verdade, ele não é um terminal portuário. É um terminal logístico, vamos chamar assim, é um armazém que vai ficar localizado na retro área e vamos utilizar o cais público aqui do Porto de Paranaguá para fazer o embarque da celulose.

Kleber Gonçalves: “Vocês disseram que o vagão que vem de Curitiba a Paranaguá, vai sair do pátio atrapalhando a rua nossa do Emboguaçu”. Um

tema que a gente já abordou a respeito da passagem de nível e a passagem de pedestres.

Sirlei do Emboguaçu: “Se os caminhões são da empresa?”. Não, são transportadores aqui locais de Paranaguá. E, a última, Andrea Soares – da BRF do Emboguaçu: “A questão do limite que haverá entre a escola e a fábrica, após o funcionamento da fábrica, como ficará a segurança nesse limite, visto que possa ser alvo de facilidade para os desocupados usarem o local para outros fins.” Primeiro só reforçar que não é uma fábrica, não vamos produzir nada aqui. Vamos, simplesmente, receber e armazenar essa carga. Todo o limite, uma vez pronto esse armazém, todo o limite vai ser cercado e vamos ter todo um sistema de segurança, de monitoramento, de todo o entorno ali do armazém. Garantindo uma maior segurança ali também aos nossos vizinhos.

SR. UILSON PAIVA (Comunicação e Sustentabilidade – Klabin): Só para complementar essa questão de desocupados e toda a questão anterior dessa região. Como foi mostrado, no Estudo, acreditamos que com essa proposta de investimento social vai ocorrer uma revitalização nessa área. Não só pela própria unidade logística que vai ser iluminada, vai ter vigilância patrimonial. Contribui com uma revitalização. Mas o simples fato também de haver ali uma quadra que a comunidade vai tomar conta, vai usufruir, vai ajudar a manter. Os terrenos que eram antigamente vazios, baldios, hoje vão ser ocupados. Acreditamos que essa região vai ter uma revitalização a partir do nosso empreendimento e dos investimentos sociais que propomos.

GERENTE JÚLIO NOGUEIRA (KLABIN): Pergunta do José Roberto – da Fafipar. Acredito que essa pergunta foi com relação à apresentação institucional da Klabin que o Francisco fez. Ele questiona com relação à nova fábrica construir uma usina termoelétrica. “Devido a problemas de efeito estufa, por que uma usina termoelétrica?”. Bom, primeiro para deixar claro, que essa usina termoelétrica que foi comentada que estamos construindo na fábrica em Ortigueira, é uma usina que usará resíduos de madeira que são recursos renováveis. Então vamos usar madeira como combustível e não óleo combustível. Lembrando. Quando usamos a madeira para queimar, para

produzir vapor para produzir energia, durante o crescimento da árvore ela absorve o gás carbônico da atmosfera, do meio ambiente. E durante a queima dessa madeira ela emite o gás carbônico. É considerado um efeito neutro. Ou seja, ele não está contribuindo com o aquecimento global ou gás do efeito estufa. É diferente quando você queima óleo combustível. Quando você queima óleo combustível, aí, sim, você está contribuindo com a emissão de CO2 e aquecimento global. Porque você não absorve nada. Você só emite. Não é o nosso caso.

Com relação à outra pergunta que o José Roberto fez. Ele questiona, também, a questão de incêndio que já foi respondida em outra pergunta. Sim, teremos todas as instalações adequadas durante a fase de implantação e durante a fase de operação, e também pessoas treinadas para combater incêndio.

Pergunta do Jocimar – Secretário das Associações dos Moradores da Vila do Povo. Complementando sua pergunta Jocimar, o Uilson já respondeu algumas perguntas, ficou uma aqui para mim. É com relação à poluição atmosférica. Já batemos bastante nessa tecla, lembrando, rapidamente, teremos poeiras que serão aí mitigadas com umectação da área durante a fase de implantação; teremos tapumes; teremos o muro e teremos a cortina verde. E ainda durante a fase de implantação e durante a fase de operação, a movimentação de máquinas, também você tem a emissão de gás que são emitidos pela queima do combustível para movimentação de máquinas. Como que se controla isso? É através de manutenção da frota. Tem que ter manutenção preventiva e corretiva quando for necessário, para evitar uma emissão desses gases que causem impacto.

Agora vou agrupar algumas perguntas que elas se repetem. A Maria Lúcia do Bairro Primavera, a Roiane do Bairro Emboguaçu, a Maria de Fátima da Vila do Povo e o Márcio do Bairro Estradinha. A pergunta é genérica com relação, primeiro: “A Klabin vai cuidar do meio ambiente?”. Sim! Vamos cuidar através de várias atividades que já foram mencionadas aqui. Essa é a nossa missão. Essa é a nossa obrigação de controlar todos os impactos que as nossas operações vão causar aqui nessa obra que estamos iniciando. Volto a

falar, isso é uma obrigação da Klabin. Lembrando de algumas atividades que já foram comentadas. Teremos gerenciamento de resíduos sólidos, todos os resíduos recicláveis eles vão ser destinados para as cooperativas locais. Isso é muito importante lembrar, isso é um incentivo para as cooperativas. Teremos o monitoramento do ruído, faremos o monitoramento aí das emissões. Teremos educação ambiental para os funcionários. Teremos a coleta seletiva implantada durante a fase de implantação, durante a fase de operação. Teremos um Programa de Manutenção da frota de veículos e também teremos coleta de chuva. Da água de chuva do barracão que vai ser construído haverá a coleta de chuva. Essa água que cairá no telhado vai ser direcionada por uma cisterna e essa água, uma vez coletada, vai ser usada tanto para a parte de jardinagem, molhar o gramado, o jardim e também uso em sanitários. Isso também é uma medida que vai ajudar bastante aí na economia de água.

Essa medida contribui para reduzir a água de chuva que seria direcionada para o canal pluvial. É uma medida bastante interessante, porque você tem dois benefícios: você reduz o consumo de água e, ao mesmo tempo, reduz a vazão de água. A vazão da água que seria destinada para o canal pluvial.

ENGENHEIRO ALYSSON SCHNEIDER: O Luiz Alexandre Colin Gomes Filho – do Palmital, ele fez duas perguntas. “Quais são os critérios adotados pelo Estudo de Impacto de Vizinhança para a definição da Área de Influência Direta do empreendimento?”. Você deve saber os documentos bibliográficos para esse assunto são raros de serem encontrados, mas o que encontramos sabemos que fica por competência do engenheiro responsável. Isso fica em função do tipo de impacto que é gerado e até onde ele pode chegar. No caso, ele tem a linha que foi passada, que é mais a questão até o asfalto na frente da escola Berta e, por outro lado, também até a rua que faz divisa com o outro empreendimento. Outro questionamento: “Estão previstos os estudos de análise e gerenciamento de riscos para a unidade?”. Sim. Serão exigidos tanto pela empresa que vai executar a obra da instalação, quanto no momento da operação. Isso é exigido por lei.

MESTRE DE CERIMÔNIO (Ciro): Temos mais três perguntas. Vamos usar os microfones. Do Leonardo Balbã, ele é marinho e morador no Jardim Emboguaçu.

Sr. Leonardo Balbã: Boa noite. Meu nome é Leonardo, sou conhecido mais como “marinho”, queria saber sobre o impacto ambiental o que usarão para a comunidade e para o treinamento do pessoal que trabalhar na empresa?

SR. JÚLIO NOGUEIRA (Klabin): Com relação aos impactos ambientais. Teremos durante a fase de implantação da obra, como foi comentado, teremos geração de ruídos. Esses ruídos terão as suas medidas mitigadoras aí para atenuar impacto para as comunidades. Teremos a cortina verde, teremos muro de três metros de altura na face ali das instituições. Teremos os tapumes em toda a extensão da obra. Para amenizar a poeira, também, teremos a umectação da área para reduzir. Durante a implantação teremos a geração de resíduos sólidos. Esses resíduos sólidos serão coletados, separados e destinados de forma adequada; os recicláveis serão destinados para as cooperativas locais. Os efluentes domésticos durante a fase de implantação serão tratados com fossas sépticas e durante a fase de operação serão encaminhados para a rede de coleta de esgoto do município.

Sr. Leonardo: E teria treinamento para os funcionários e para a comunidade? Tipo a Petrobrás. A Petrobrás ela dá treinamento à comunidade quando tem um vazamento de óleo, há um impacto ambiental, e aos funcionários também.

JÚLIO NOGUEIRA (Klabin): Para funcionários teremos, sim. É obrigação nossa. Faz parte das nossas regras, das nossas normas dar treinamento para os funcionários. Teremos Programa de Educação Ambiental para os funcionários. Tanto durante a fase de implantação, como para a fase de operação. Com relação a essa necessidade que a Petrobrás tem com a comunidade. É porque as operações da Petrobrás causam algum tipo de impacto de risco que pode ter uma abrangência maior e aí você tem a necessidade de envolver uma maior parte de pessoas, num plano de atendimento de emergência. Para determinados tipos de emergência que são

pertinentes quando você tem a operação com combustíveis estocados em grandes quantidades. Grandes riscos. O que não é o caso das nossas atividades. A nossa atividade é uma estocagem de celulose em fardos. E, internamente, teremos as medidas necessárias para conter os riscos gerados internamente.

Sr. Leonardo: Num caso desses se houver um incêndio lá, vai haver um impacto ambiental. Correto? Quem vai sofrer vai ser a comunidade ali. No armazém ali no Primavera teve um incêndio e a comunidade foi prejudicada, os pescadores, o povo que mora ali da comunidade.

SR. FRANCISCO RAZZOLINI (Diretor Planejamento KLABIN): Essa questão do incêndio sempre preocupa porque estamos lidando ali com matéria-prima que pega fogo, que é combustível. Mas, no caso do fardo de celulose ele é muito compacto e muito difícil de propagar incêndio. De qualquer forma a Klabin tem, hoje, 15 operações no Brasil que trabalhamos com papel, conhecemos bastante desse tipo de atividade, da forma de combate que ela é a mais imediata possível se caso ocorra, com relação a um combate imediato em todas as nossas unidades têm brigadas de incêndio treinadas para isso. E além do que contamos, em todo o armazém, com chuveiros nebulizadores sobre toda a área de armazenagem. Esses chuveiros são acionados imediatamente em caso de incêndio. Então há uma série de medidas aí. Nunca tivemos e não vamos ter um problema tão grande como vocês tiveram de um incêndio de inflamáveis aqui na região. É bastante diferente o tipo de produto. E, volto a repetir, é uma coisa que a Klabin está bastante familiarizada e trabalha com isso há muito tempo.

Sr. Leonardo: E o impacto sonoro? Porque vocês vão fazer a creche, já existe a escola e tem o Lar das Meninas. Queria saber o impacto sonoro. As crianças estudando se vai atrapalhar?

SR. FRANCISCO RAZZOLINI (Diretor Planejamento KLABIN): Nós fizemos trabalhos de acompanhamento de medição, inclusive nas unidades que lá existem, e o impacto não será piorado em relação ao que há hoje. Até acho que vamos ter uma melhora com a elevação do muro, porque ele começa a bloquear. E vamos lembrar que todas as nossas operações serão dentro de

armazém, exceto a entrada de vagões que é um ruído que já é comum, hoje, naquela região. Não avaliamos potencial de aumento significativo de ruído, de impacto de ruído. Pelo contrário, achamos que vamos conseguir mitigar ruídos que hoje têm por essa questão da separação que estamos propondo.

MESTRE DE CERIMÔNIA (Ciro): Leonardo, nossa equipe vai estar à sua disposição se for o caso, logo em seguida da audiência. Próxima pergunta, Dulcineia Faria Correia.

Sra. Dulcineia F. Correia: Boa noite. Sou funcionária da Escola Berta e a minha preocupação é com a nossa escola. A nossa escola está abandonada. Tem bastante pai de aluno aqui. As nossas crianças no recreio não têm como brincar, porque, infelizmente, e não vem dessa gestão, vem das outras gestões também. Nunca tivemos a visita de uma autoridade nossa lá. Porque dia de chuva, as nossas crianças ou elas ficam na sala ou elas ficam escondidas. Queria saber como que vai ficar e se vocês precisam ter autorização da Prefeitura para mexer na nossa escola, para dar uma escola digna para nossos alunos, ou já está em andamento esse projeto de vocês? (Palmas)

SR. UILSON PAIVA (Comunicação/Sustentabilidade – Klabin): Dulcineia. Obrigado. Nós conhecemos a escola, estivemos lá. Somos os novos vizinhos da escola e vimos algumas possibilidades de melhoria, tanto é que estamos propondo algumas reformas que vai incluir a área de lazer, a questão do muro que hoje existe lá, melhorar toda essa questão. O que for possível. Não temos o detalhamento porque ainda é uma proposta e vai depender, claro, da aceitação da comunidade, da aceitação da Prefeitura, para partir para um detalhamento. Mas a ideia é, sim, pretendemos fazer melhorias ali e ajudar no que for possível.

Sr. Antônio Sérgio (ONG Mel): Boa noite. Primeiramente, meu nome é Antônio Sérgio, sou técnico de segurança, colaborei com a Constituição sugerindo leis para o meio ambiente. Temos um histórico de luta de anos e anos que estamos batalhando, reunindo pessoas, pleiteando melhorias na condição do meio ambiente para Paranaguá e região.

Vocês falaram há pouco aí sobre geração de energia. Geração de energia a custo da madeira. Pois bem, nós ocupamos com os professores, na época, nos deslocamos para Foz do Iguaçu quando houve o I Encontro de Jogos Abertos, Jogos da Natureza, quando o Governador era o Jaime Lerner. Ele tinha uma proposta para instalar aqui, em Paranaguá, uma termoelétrica movida a carvão. Termoelétrica essa obsoleta que ele tinha recebido, na época da Polônia, que o Paraná tinha um crédito grande com a Polônia na época do Lech Walesa, que ele passou por uma dificuldade muito grande, a Polônia toda. E ele ficou nos devendo. Pagou com essa proposta ridícula. Pois bem, nós saímos daqui, fomos para Foz do Iguaçu e encontramos lá urutus nos esperando em frente ao Hotel Cataratas: 17 ônibus de professores que estão de parabéns os professores pelas lutas que sempre fizeram em benefício de Paranaguá, em benefício da educação e em benefício do meio ambiente.

Pois bem, enfrentamos esses urutus, confeccionamos cartazes e mostramos a nossa força. Essa mesma força mostramos agora, recente, quando nos manifestamos contrários, totalmente contrários à geração de vapores de H₂S gerados pela Heringer. Quando no início a proposta primordial, a proposta inicial deles foi só a mistura e o estoque de adubos. Eles empurraram goela abaixo, no povo parnanguara, uma usina para fabricação de enxofre. E fizeram essa proposta que os senhores estão fazendo aqui para a população toda. Muito bem. Estão de parabéns. Conheço a Klabin do Paraná desde 1971 quando ocupei o meu primeiro emprego. Foi cortando papel numa guilhotina para confeccionar livros escolares na Gráfica e Editora Paraná Cultural, uma das maiores clientes do Grupo Klabin do Paraná na época. Fabricava livros escolares para todas as escolas do Paraná e eu, com 14 anos, cortava livro na guilhotina, arriscando minha mão e arriscando minha saúde.

Pois bem, eu vi as faturas dessa empresa na época em que ela comprava da Klabin do Paraná. Então, a Klabin do Paraná cresceu à base do esforço do povo. Cresceu fabricando cultura. Estão de parabéns os senhores de trazer essa proposta. Mas que fique nessa proposta de estoque, de embarque da matéria-prima principal de vocês. Nunca, em momento alguém, pensar em produzir e gerar mais do que tem, poluição, em Paranaguá. Isso nós iremos, com toda certeza, chamar e clamar à população e iremos de bairro em

bairro, de porta em porta como fizemos outras vezes, para que isso não aconteça.

Hoje muitas pessoas estão contrárias à gente. Não porque na Heringer gerou desemprego, as famílias perderam. Não! Nós ganhamos qualidade de vida. Porque as plantas que ali existiam que já não estavam produzindo fruto, que surpresa. Na minha casa tinha um pé de jaboticaba que nunca produziu. Está carregado de jaboticaba. Os passarinhos estão se deliciando. Então, senhores, Paranaguá está de braços abertos aos senhores. Só que nós queremos, conforme fiz aqui a minha proposta e vou ler, peço à moça que leia porque estou sem óculos, por gentileza! “Meios de comunicação em sua proposta original para tornar transparente todo o processo produtivo. Parcerias, autorizações ambientais, certificações, valorização humana, valendo-se do princípio de que nem todos têm acesso à internet.”

E mais uma coisa que foi colocada, aqui, da ALL. A ALL é totalmente inoperante hoje. Os senhores têm um contrato com uma empresa quebrada, uma empresa que derruba, tomba vagões e causa poluição ao meio ambiente. Esses dias quase um vagão tombou na minha cabeça, lá em Alexandra! Falha, trinca no trilho, eles fazem vista grossa. Eles só se preocupam em colocar vigilância lá do pessoal que abre o vagão, que faz a chamada vazada, que eles chamam. Esses aí é cadeia para eles, cacetada neles. Eles têm vigilância para isso. Agora, para cuidar das passagens de nível, para cuidar da segurança deles, eles passam com o carrinho e aquele carrinho é cego. Aquele carrinho que passa nos trilhos. Então os senhores têm que tomar cuidado, conversar, hoje, com o (?) Clube, e diminuir um pouco esse seguro absurdo que os senhores pagam para eles investirem na nossa comunidade, nas escolas aí. Porque sei que vocês têm um esquema de seguro que está incutido no preço da mercadoria final que chega aqui. Questionem com eles, que fique registrado, aqui, a câmara está registrando, alguém que vê isso com qualidade, vê isso no dia a dia. Nós brigamos ali, na Prof. Cleto, para ser construído aquele viaduto, demorou meio século quase. Dez anos só de proposta lá no DNIT. E não esperem os senhores muito respaldo do Poder Municipal aqui, porque não encontra. Encontra burocracia, encontra reunião em cima de reunião, Comissão em cima de Comissão. Decidam os senhores mesmos e só

levem o resultado para eles aprovarem. Assim mesmo vai ser difícil. Porque quando se leva uma proposta boa, encontra só, só pessoas colocando alternativas, fazendo reuniões e a coisa não acontece.

Um exemplo típico é essa estrada que conduz para Alexandra, que passa ali próximo de vocês. As estradas de acesso que levam até lá. Tomara que Deus nos ajude que isso aconteça, que o Poder Público, que os vereadores tomem conhecimento, porque agora eles estão tendo uma empresa de porte. Uma empresa honrada, uma empresa que fabrica educação, fabrica cultura nesse País. E tenho vergonha de chegar e dar um resultado para aquela senhora que falou que as crianças ficam mergulhadas na água lá. Sinto vergonha. Quando se pede um policiamento na escola que as crianças estão se digladiando, porque os professores são poucos e estão ganhando pouco. Fecha-se as portas para esse tipo de discussão. Coloquem, os senhores. Os senhores estão pegando um enorme de um problema. Agora, a solução vem nessa proposta que vocês estão aí – no Poder Público, no Ministério Público, na Polícia Federal para investigar quem quer que seja e chegue e peça alguma propina, algum valor para instalar isso aqui!

Muito obrigado pela colocação. Era isso. (Palmas)

MESTRE DE CERIMÔNIA (Ciro): Nós agradecemos pela sua colocação.

SR. FRANCISCO RAZZOLINI (Diretor Planejamento KLABIN): Obrigado pelas suas palavras, suas colocações e gostaria de só reforçar com o Uilson, ele tem aqui os canais da Klabin que são abertos à comunidade e que temos utilizado aí para estreitar as relações e entender as preocupações que os nossos vizinhos das comunidades nas quais atuamos têm.

SR. UILSON PAIVA (Comunicação/Sustentabilidade – Klabin): Vocês devem ter recebido, no começo, esse folder que tem a história da Klabin e todos os produtos. E, lá, ao final, tem os canais todos de comunicação que dispomos para os contatos da comunidade. Só queria destacar para o Paraná, aqui em Paranaguá, um telefone 24 horas por dia gratuito – 0800-7280607. Toda e qualquer reclamação, sugestão, crítica, elogios, se vocês quiserem elogiar a gente agradece. Tudo nos é endereçado e temos um prazo e em até

48 horas nós retornamos com alguma resposta. Nem que seja que estamos procurando, ainda, a resposta definitiva. Mas é o nosso compromisso com as comunidades. Desde já vocês já podem utilizar esse canal de contato.

MESTRE DE CERIMÔNIA (Ciro): Nós agradecemos a todos. A Secretária irá usar a palavra.

SRA. ALINE CARLA L. D. COSTA (Secretária de Urbanismo): Eu tenho um pedido aqui da Maria Esmeralda Quadros com relação à cópia da Audiência Pública. Já queria deixar claro para todo mundo que o Estudo de Impacto de Vizinhança da Klabin já está disponibilizado no site da Prefeitura Municipal. Mas para quem não tem acesso à internet ele está disponibilizado em material impresso na Secretaria Municipal de Urbanismo, que fica dentro da Prefeitura. Depois que recebermos esse material da Audiência Pública também deixaremos disponível no site da Prefeitura e o material digital também ficará disponível na Secretaria Municipal de Urbanismo.

Querida deixar claro, como representante da Prefeitura e vizinha do empreendimento dessa unidade da Klabin, que com relação aos equipamentos públicos, eles não estão desapercebidos pela administração. Tem uma equipe técnica de engenheiros e arquitetos cuidando para que esses equipamentos ou permaneçam no local ou sejam realocados, de maneira criteriosa. Bastante criteriosa. E, na verdade, a administração do Prefeito Edison deixa bem clara essa relação com a comunidade. Tanto que está realizando uma Audiência Pública para ouvir todas as sugestões, reclamações e contribuições que vocês possam dar para que nós tenhamos um direcionamento na tomada de decisão. É uma administração que divide com a comunidade todas as coisas. Todas as coisas boas e nem tão boas assim.

Dentro da Secretaria de Educação tenho certeza que tem um Conselho de Educação, na qual a comunidade civil organizada ou não, participa e representa a comunidade, que se manifesta e que direciona também as atitudes que a Secretária de Educação toma. Da mesma forma que a Assistente Social. Então, volto a falar, isso aqui foi um Estudo de Impacto apresentado à comunidade. A empresa só pode começar a construção depois

do Alvará de Construção dado. Ainda se tem um processo longo aí até a aprovação. Mas a comunidade sempre é participativa nas ações do Município.

Muito obrigada e boa noite.

MESTRE DE CERIMÔNIA (Ciro): Agradecemos a todos que participaram desta audiência.

Muito obrigado e uma boa-noite!

SRA. ALINE CARLA L. D. COSTA (Secretária de Urbanismo): Gostaria de agradecer mais uma vez a presença de todos vocês. Todas as contribuições serão analisadas e juntadas nesse processo da Klabin. A Prefeitura não vai deixar despercebida nenhuma sugestão e contribuição. E declaro encerrada esta Audiência Pública. (Palmas)

A presente ata foi taquigrafada presencialmente à audiência pública sobre o Estudo de Impacto de Vizinhança – EIV, para a implantação da unidade logística de papel e celulose da empresa Klabin em Paranaguá, estado do Paraná.

Em, 02 de junho de 2015.

Maria Elisa Rebello
Taquígrafa Profissional Juramentada
Secretária da Mesa